



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

CELÂNY TEIXEIRA DE MÉLO

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADE DE AMPLIAR A FORMAÇÃO
ACADÊMICA FRENTE ÀS DEMANDAS DA SOCIEDADE**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

CELÂNY TEIXEIRA DE MÉLO

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADE DE AMPLIAR A FORMAÇÃO
ACADÊMICA FRENTE ÀS DEMANDAS DA SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Nelsânia Batista da Silva

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528e Mélo, Celâny Teixeira de.
Extensão universitária [manuscrito] : possibilidade de ampliar a formação acadêmica frente às demandas da sociedade / Celâny Teixeira de Mélo. - 2018.
75 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva , Departamento de Educação - CEDUC."

1. Extensão Universitária. 2. Formação Acadêmica. 3. Sociedade. I. Título

21. ed. CDD 378

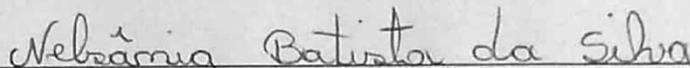
CELÂNY TEIXEIRA DE MÉLO

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADE DE AMPLIAR A FORMAÇÃO
ACADÊMICA FRENTE ÀS DEMANDAS DA SOCIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Educação da Universidade Estadual
da Paraíba como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

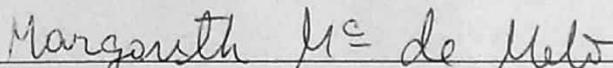
Aprovada em: 20 / 06 / 2018.

BANCA EXAMINADORA



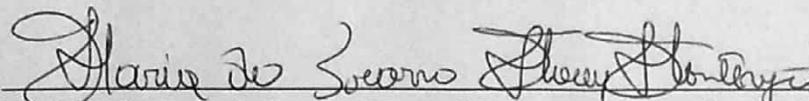
Prof.^a Dr.^a. Nelsânia Batista da Silva (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba



Prof.^a. Dr.^a. Margareth Maria de Melo (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba



Prof.^a. Dr.^a. Maria do Socorro Moura Montenegro (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba

Aos meus pais Francisco Tintiliano de Mélo e Rita Teixeira de Mélo
In memoriam, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade da vida.

Aos meus irmãos e irmã que me apoiam ao longo da vida, qualquer vitória minha passa pelas mãos deles e dela.

À Prof.^a. Dr.^a. Nelsânia Batista da Silva, pela orientação, pela paciência e cuidado nessa caminhada.

Às colegas do Projeto de Extensão: “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”.

Às amigas Inaldete e Adriana, que conheci no espaço acadêmico e carreguei para a vida.

“Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da história e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção.”

Paulo Freire

“Gosto de um modo carinhoso do inacabado, do malfeito, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão.”

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho investigou o modo como a Extensão universitária pode contribuir para o desenvolvimento do/a graduando/a na sua formação acadêmica frente às demandas da sociedade. Para tanto, se propôs verificar a relação entre Extensão universitária e sociedade; discutir a contribuição da Extensão universitária para a vida acadêmica do graduandos/as e identificar na Extensão universitária como os saberes compartilhados entre graduandos e demais sujeitos favorecem para construção da aprendizagem na formação acadêmica. A Extensão universitária é imprescindível para a formação dos/as graduandos/as, favorecendo assim uma compreensão das diversas realidades que coexistem nos espaços sociais. O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, numa perspectiva de pesquisa participante que permite uma aproximação de forma horizontal entre os participantes de uma determinada realidade pesquisada. Os sujeitos da pesquisa foram discentes de graduação da Universidade Estadual da Paraíba, que atuaram no projeto de Extensão: “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”, promovido em parceria com professores/as, gestoras, educadores/as da cidade de Remígio – PB, e também discentes que participam em ações de outros projetos de Extensão desenvolvidos na instituição supracitada. Optou-se fazer a coleta dos dados por meio de observações e de entrevista semiestruturada e, posteriormente, organizadas em categorias. Dessa forma, pudemos verificar que a Extensão universitária possui um papel significativo na formação acadêmica frente às demandas da sociedade. A Extensão cria um espaço educativo por meio de um canal entre universidade e sociedade, proporcionando uma formação acadêmica qualificada pela práxis, dando base para que os discentes vivenciem a aprendizagem atuando nos espaços sociais de forma ativa e reflexiva. Nessa perspectiva, buscamos nos orientar pelos estudos de Freire (1983), Melo Neto (2012), Severino (2007), Sousa (2010), Thiollent (1999), entre outros.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Formação Acadêmica. Sociedade.

ABSTRACT

This work investigated the way the university Extension could contribute to the development of the student in his academic graduation against the demands of the society. For that, it was proposed to verify the relation between the university Extension and the society; discuss the contribution of the university Extension to the academic life of the student and identify, in the university Extension, how the knowledge shared among the students and others subjects favored to the construction of the learning and his academic formation. The University Extension is indispensable to the student formation favoring a comprehension of the many realities that coexists in the social spaces. The research is of qualitative approach, in a participating research perspective that allows an approximation among the participants of a particular researched reality. The subjects of the research were the graduation students from the Universidade Estadual da Paraíba, whom acted in the university Extension project: “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”, promoted in a partnership with teachers, managers and educators from the city of Remígio – PB, and also with students whom participates in other Extension programs actions developed in the above mentioned. It was chosen to collect the data from observation and semi-structured interview organized in categories then. In that way, we could verify that the University Extension plays a significant role in the academic formation against the demands of the society. The Extension creates an educative space through a channel between the university and the society, proportioning an academic formation qualified by the praxis, giving bases so the students can experience a learning acting in the social spaces in an active and reflexive form. In this perspective, we looked for orientation through the studies of Freire (1983), Melo Neto (2002), Severino (2007), Sousa (2010), Thiollent (1999) and others.

Keywords: University extension. Academic formation. Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA UNIVERSIDADE E DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE.....	16
1.1 A polissemia que a Extensão assume no Brasil.....	20
CAPÍTULO II - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO PROCESSO FORMATIVO NA GRADUAÇÃO E NA SOCIEDADE.....	32
2.1 Extensão universitária: os saberes compartilhados entre graduandos e demais sujeitos e as mudanças nos espaços sociais mediadas por projetos de Extensão.....	37
CAPÍTULO III - FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.1 Caracterização da pesquisa.....	41
3.2 Descrição e procedimentos para a realização da pesquisa.....	43
3.2.1 Situando o Projeto de Extensão: Educação Popular como mobilização da cultura de emancipação humana	44
3.2.1.1 Relato de vivências junto ao Projeto de Extensão.....	45
3.2.1.2. Um olhar reflexivo sobre as ações do projeto.....	46
3.3 Análises das entrevistas	57
3.3.1 Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão para a formação acadêmica	57
3.3.2 Extensão: Caminho para Aprendizagem.....	60
3.3.3 Extensão: Ampliação da Formação Profissional	62
3.3.4 Extensão: um diálogo com a sociedade.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE.....	75

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade marcada por uma dicotomia de saberes, na qual se estabelece que o conhecimento produzido de forma sistemática se sobrepõe aos demais que são tecidos no cotidiano, surge a extensão universitária como uma forma de romper essa disparidade entre universidade e sociedade, uma vez que se entende que a extensão é o elo da esfera acadêmica com os espaços sociais e que é através dela que saberes e experiências são compartilhados. Tal compartilhamento de saberes pode produzir conhecimentos que contribuirão para formação acadêmica de graduandos/as e para mudanças sociais.

Sendo a universidade um campo de construção de conhecimento para a formação profissional/humana, ela deve compreender que o que se produz entre os seus muros não pode se distanciar da realidade externa, ou seja, não se pode pensar a universidade fora da sociedade, ambas são interdependentes entre si, sendo assim, necessitam promover um processo contínuo de ligação entre teoria e prática, valorizando os saberes historicamente produzidos pelas diversas camadas sociais da humanidade ao longo do tempo.

A extensão universitária precisa ser entendida como uma ação entre universidade e sociedade que colabora para ampliar o ensino da sala de aula dos/as graduandos/as e favorece a compreensão das diversas realidades que coexistem nos espaços sociais.

Compreende-se que os sujeitos que habitam em ambas não são homogêneos e que produzem saberes heterogêneos condizentes com suas necessidades. Assim, a extensão pode ser utilizada como um fio condutor entre conhecimentos e experiências que se constroem na universidade e sociedade, o que pode contribuir para o desenvolvimento dos acadêmicos e das mudanças sociais fomentadas na práxis.

A Extensão constitui-se em um dos pilares da universidade juntamente com o ensino e a pesquisa, que são as bases para a elaboração do conhecimento acadêmico, possibilitando uma ação dialógica entre teoria e prática, que responda às inquietações dos sujeitos na esfera acadêmica e social. Nesse sentido, a Extensão visa considerar e relacionar os saberes produzidos nas relações dos sujeitos que desaguem para a criação do conhecimento.

Essa pesquisa sobre Extensão universitária se desvela a partir do projeto de pesquisa intitulado “Formação Complementar e Continuada em Educação Ambiental: da prática educativa

a cidadania”, vinculado à Extensão, do qual participei como aluna bolsista de Extensão na cota de 2013 a 2014, e voluntária, na cota de 2014 a 2015. Nesse período, pude ir observando que só o ensino da minha sala de aula não supria as necessidades para minha formação acadêmica, posto que eu me limitava a aulas de natureza teórica, com essas minhas palavras não quero subestimar as teorias, apenas ressaltar que, para uma aprendizagem concreta, são necessárias práticas, ou seja, é fundamental que haja uma relação intrínseca entre teoria e a prática, a ação e a reflexão: “Não há palavra verdadeira que não seja práxis”. (FREIRE, 2013, p.107)

No decorrer do projeto, vi as possibilidades que esse apresenta para a construção do conhecimento no âmbito da universidade e no espaço escolar, configurando-se como um instrumento que proporciona uma formação acadêmica crítica. Diante dessa inquietação, me propus a participar de outro projeto de Extensão intitulado “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”. A partir desse último, busquei respostas que especificassem o significado do papel da Extensão universitária na vida acadêmica dos/as graduandos/as frente às demandas da sociedade, ciente do compromisso social e de ensino/pesquisa/Extensão que a universidade precisa ofertar aos seus estudantes, como forma de introduzi-los ativamente na sociedade.

A universidade tem o papel de produzir/disseminar conhecimentos, colaborar na educação e formação profissional/humana, sua invenção, ocorre para fomentar o desenvolvimento econômico, social, cultural e político. Wanderley (2003) expõe que, para alguns, a universidade funciona como um aparelho ideológico que tende a privilegiar uma formação capitalista no que se refere à reprodução de materiais e a divisão do trabalho em intelectual e manual, sendo vista também como um instrumento de inculcação da política e a ideologia das classes que detêm o poder, enquanto outros, pensam e a tem como forma de uma aversão ao capitalismo, inserindo-a nas lutas sociais ancorados na ideia de que os intelectuais universitários podem colaborar para que as classes menos favorecidas tenham a possibilidade de conquista hegemônica da sociedade civil.

Nesse sentido, se a universidade é um *lócus* de conhecimento que reproduz os interesses sociais das classes dominantes, essa também pode romper com essa prática reprodutora. Sendo, um espaço educativo e de formação de cidadãos/ãs, ela precisa cumprir esse papel por meio de

uma educação que valorize e atenda todas as camadas sociais, estimulando seus interesses, saberes, experiências e necessidades, compreendendo que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2007, p.7)

Observa-se que, de acordo com a citação acima, a Educação pode se realizar de maneira formal, informal e não formal, ou seja, não apenas nas escolas, famílias e instituição superior, mas também pode ocorrer em movimentos sociais, meios de comunicação e nas instituições não – escolares.

Segundo Libâneo (2010, p. 26), “o entendimento da educação como fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizados ou não, sob várias modalidades”. Isso ocorre em decorrência das lutas e transformações da sociedade, que culminam em novos olhares para educação, não a limitando a um processo fechado na visão de uma educação posta aos interesses dos donos do capital, pois “Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa”. (MÉSZÁROS, 2008, p. 27)

A universidade configura-se como uma instituição social, que forma seus profissionais por meio de um ensino sistemático e organizado com a intenção de atender às necessidades da sociedade, encontra-se vinculada à política e economia dentro da sociedade civil, podendo, assim, desenvolver um caráter de sustentação do sistema dominante, porém ela também é capaz de colaborar para transformação de realidades (WANDERLEY, 2003). Compreendendo esse pensamento, a universidade é um campo de formação educacional, não pode ser vista apenas de forma reprodutivista, que serve a classe dominante, negando o direito da reinvenção do sujeito e da sociedade por meio de uma educação não libertadora. Sendo assim, pode-se entender que: “[...] a educação como mediação de um projeto social. Ou seja, por si, ela nem redime nem reproduz a sociedade, mas serve de meio, ao lado de outros meios, para realizar um projeto de sociedade; projeto que pode ser conservador ou transformador”. (LUCKESI, 1994. p.48)

A universidade é um lugar privilegiado de produção e disseminação de conhecimentos, podendo proporcionar uma educação que transforme ou mantenha as velhas raízes de um ensino focado e mantenedor do pensamento elitista normatizado na sociedade, que desvaloriza os saberes das classes taxadas de subalternas. Assim, a Extensão universitária, sendo o terceiro pilar que sustenta a universidade, juntamente ao ensino e pesquisa, também pode ser um instrumento libertador ou conservador de um saber unilateral. A universidade, além do seu compromisso com a sociedade, possui a responsabilidade para a construção do conhecimento que embasa a formação acadêmica dos sujeitos nas dimensões profissionais e humanas, colocando-os no palco social como seres ativos e conscientes do papel que exerce no mundo.

Assim, essa instituição tem o papel social voltado para a formação do sujeito enquanto profissional/ ser humano e, visando atender as demandas da sociedade, por meio do ensino, pesquisa e extensão, o que lhe confere o papel de universidade. A Extensão, que é um dos seus pilares, possibilita em especial que acadêmicos e sociedade compartilhem o conhecimento e a produção cultural que são produzidos em ambos os espaços por meio da construção de um diálogo emancipador que pode vir a quebrar as velhas amarras de que a universidade é difusora de *status quo*. Segundo Melo Neto (2012, p.58), “a extensão configura-se e se concretiza como um trabalho social útil, imbuído da intencionalidade de pôr em mútua correlação o ensino e a pesquisa, mirando mudanças”. Assim, a Extensão pode ser uma prática acadêmica significativa para graduandos/as já que oportuniza uma formação vinculada à vivência que permite a construção de uma prática crítica e reflexiva para uma ação transformadora na sociedade.

A Extensão universitária representa um caminho para o desenvolvimento do/a graduando/a de uma forma complexa, pois lhe oportuniza interligar teoria e prática de forma comunicativa com os espaços sociais, ocorrendo assim uma ligação entre saberes que promova conhecimento, assim consiste na interação universidade/sociedade com a finalidade de produzir um trabalho social, baseado no ensino e na pesquisa como fontes indispensáveis para o alcance de mudanças. Parafraseando Freire (2013), não há ensino e pesquisa sem Extensão universitária e Extensão universitária sem ensino e pesquisa, pois esses fazeres complementam-se, são indissociáveis para constituir a universidade.

A Universidade, sendo um *locus* para formação acadêmica e para a integração dos saberes produzidos entre seu muro e extramuros, carece de assumir seu papel social, viabilizado por meio

de seu tripé ensino/pesquisa/extensão, que lhe confere identificar que não há como funcionar como uma mão de via única, detentora da educação/cultura que deve ser disseminado nos espaços sociais e na formação profissional/humana dos seus/as acadêmicos/as. Os saberes são construídos nos mais diversos espaços da sociedade e todos devem ser valorizados igualmente aos que são produzidos no âmbito acadêmico, como nos remete Freire (2013) que não existem saberes mais nem saberes menos, mas saberes que são diferentes.

Assim, a Extensão é uma prática educativa da universidade que possibilita uma articulação entre ensino e pesquisa vinculada com o contexto social, o que permite ligar teoria e prática em um saber/fazer/agir de forma dialógica que oportuniza a todos/as construir/compartilhar conhecimentos que poderão complementar a formação acadêmica e mudanças na sociedade. Nesse sentido, a universidade precisa se preocupar em conceber uma Extensão emancipadora, para além da formação profissional, oportunizando os estudantes a mergulhar e lidar com as teorias e com os fazeres que os esperam fora dos muros da universidade. Nessa práxis, devem atualizar seus saberes sistemáticos com os saberes tecidos no cotidiano, tornando-se sujeitos não do mundo (passivo), mas no mundo, atuando com uma consciência social de seu papel profissional e humano na sociedade.

Diante dessas considerações, o objetivo geral desse trabalho se propôs em investigar como a Extensão universitária pode contribuir para o desenvolvimento do/a graduando/a na sua formação acadêmica frente às demandas da sociedade. Compreendendo que a Extensão é um instrumento pedagógico que oportuniza uma formação acadêmica vivenciada no diversos espaços sociais, como afirma Severino (2007, p.32), quando diz que:

é graças à extensão que o pedagógico ganha sua dimensão política, porque a formação do universitário pressupõem também uma inserção no social, despertando-o para o entendimento do papel de todo o saber na instauração do social. E isso não se dá apenas pela mediação do conceito, em que pese a imprescindibilidade do saber teórico sobre dinâmica do processo e das relações políticas. É que se espera do ensino superior não apenas o conhecimento técnico-científico, mas também uma nova consciência social por parte dos profissionais formados pela Universidade.

Por meio dos objetivos específicos que norteiam esse estudo é proposto verificar a relação entre Extensão universitária e sociedade; discutir a contribuição da Extensão universitária para a vida acadêmica dos/as graduandos/as e identificar na Extensão universitária como os saberes

compartilhados entre graduandos e demais sujeitos favorecem a construção da aprendizagem na sua formação acadêmica.

Este trabalho organiza-se em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada a relação que a universidade e a Extensão assumem nos diversos contextos da sociedade, o papel que a Extensão desenvolve na universidade frente ao modelo de sociedade vigente e os significados que a Extensão ganha no Brasil até os dias atuais.

No segundo capítulo, busca-se versar sobre a importância que a Extensão universitária possui para ampliar a formação acadêmica mediante a sua relação com a sociedade, que permite que discente, professor e comunidade comunguem compartilhamentos de saberes por meio de projetos que possibilitam a superação do estreitamento entre a teoria e a prática.

O terceiro capítulo apresenta os fundamentos metodológicos, incluindo a descrição do tipo de pesquisa, a escolha dos sujeitos e do campo, instrumentos utilizados para coletar os dados e análises dos dados.

Ao fim desse trabalho, apresentaremos as considerações acerca da pesquisa realizada na vivência do Projeto de Extensão “Educação como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana” e a análise das respostas das entrevistas com os discentes que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO I - O SURGIMENTO DA UNIVERSIDADE E DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE

A universidade representa um espaço de cultura, ciência, ensino, pesquisa e extensão, dentre outros, exercendo um forte papel nas relações sociais. Sendo assim, essa instituição não pode assumir-se como a “detentora do saber” impondo seus conhecimentos como únicos aceitáveis para vida acadêmica e da sociedade.

De acordo com Sousa (2010), como é um aparelho formador, a universidade necessita compreender que a educação não é de sua posse exclusiva, e precisa desempenhar o seu papel que é ampliar o horizonte intelectual dos/as seus/suas graduando/as na construção do conhecimento.

Na história, a educação sempre esteve voltada para a elite e os espaços institucionais sempre serviram como um instrumento de reprodução. A universidade não foge a essa regra e muitos ainda hoje no Brasil a questionam como uma reprodutora da ideologia da classe dominante e importadora de modelos. Segundo Wanderley (2003, p.11) “a universidade é um lugar – mas não só ela – privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber, mas deve buscar uma identidade própria e uma adequação à realidade nacional”. Assim, a universidade como uma instituição social precisa promover conhecimentos que condigam com a realidade dos sujeitos, se pode estar sujeita a manter e reproduzir o sistema dominante e um modelo importado de educação, também pode possuir autonomia para se desprender dessas amarras e servir às transformações sociais, assumindo-se como um espaço favorável a todos.

Sobre essa questão Sousa (2010, p.129) afirma que a Universidade:

Ela, como instrumento de elaboração dos “intelectuais de diversos níveis”, precisa, de um modo orgânico, colocar-se a serviço da Sociedade, sem favorecer a manutenção da hegemonia de uma classe em detrimento da sobrevivência das demais.

A universidade, sendo uma instituição social, tem um compromisso com “as camadas sociais”, seria ingenuidade acreditar em sua neutralidade diante da situação socioeconômica, político e cultural da sociedade, uma vez que não podemos pensar na relação da universidade

com a sociedade de forma dicotômica, pois ambas caminham juntas nos mais diversos contextos e a universidade não deve ser um espaço de manutenção de um saber como superior a outro, mas um *lócus* para construção do conhecimento que englobe os saberes que são tecidos nos espaços sociais.

Diante da tradição como as Instituições de Educação Superior (universidades) foram concebidas, ou seja, na intenção de atender a ideologia dominante através do ensino, a Extensão universitária, surge como uma alternativa para que a universidade atendesse à população desprestigiada dos seus espaços. De acordo com Sousa (2010, p.120) “a Extensão Universitária tem como responsabilidade precípua efetivar as relações sociais da Universidade com seu meio, de modo a fazer dela uma instituição realmente social e comprometida com as necessidades da Sociedade de seu tempo”.

Nesse sentido, pressupõe-se que a universidade do período medieval que se amparava no ensino como seu principal pilar, já não mais se sustenta mediante as mudanças que ocorreram no seio da sociedade ao longo dos anos, simultaneamente, elas vão se adaptando ou transformando uma a outra. Com a Revolução Industrial cai o modelo medieval dando lugar a uma universidade “capaz” de atender às novas demandas sociais.

Como pode-se observar nos estudos de Sousa (2010), Melo Neto (2012), Serrano (2011), e Wanderley (2003), a universidade se constitui, nesse novo cenário, a partir da preocupação de prestar serviço à comunidade e de atender ao novo modelo de produção proveniente da Revolução Industrial. Surge então a Extensão Universitária, na medida em que a universidade inglesa percebe a necessidade de ir mais além da formação da elite, procurando expandir suas atividades por meio de uma formação técnica que atendesse às novas demandas sociais (produção de mão de obra). Assim, apesar de seu caráter essencial ser voltado para servir na formação da elite, passou a haver também uma preocupação em proporcionar meio cursos específicos para a classe popular.

A extensão foi se expandindo no resto das instituições europeias com o intuito de cursos livres pautados num conhecimento voltado para as camadas populares. Nos Estados Unidos, desenvolveram-se cursos técnicos/profissionalizante designados à prestação de serviço, como nos confere Melo Neto (2012, p. 37):

A extensão universitária apareceu no conjunto dos debates sobre as universidades populares na Europa. Na Inglaterra, teve grande expansão a partir da promoção de cursos “livres” para a população, com o objetivo de disseminar os conhecimentos técnicos. Posteriormente, foi implantada nas universidades dos Estados Unidos, localizadas mais na área rural, com o específico objetivo de vender tecnologia agrícola. Por isso, foi caracterizada como uma atividade que adotava uma visão cooperativa ou rural. Outras possibilidades desenvolvidas como simples transmissora de conhecimento foram consideradas de extensão universitária.

O que se observa é que a Extensão ganha um caráter de prestar cursos para aqueles que, não tiveram oportunidades de circular nas Instituições de Ensino Superior – IES, originalmente fomentadoras da construção do conhecimento, ganhando também a visibilidade de prestadora de serviço. Esses modelos de Extensão se afastam um pouco da Extensão construída na América Latina, na qual foi desenvolvida uma Extensão ligada aos movimentos sociais. Apresentando interesse em dar ênfase para a relação entre universidade e sociedade, esse pensamento advém de iniciativas de estudantes no Manifesto de Córdoba, na Argentina, em 1918, com o objetivo central de estabelecer o papel social da universidade.

No Brasil, as universidades surgiram de forma tardia em relação aos outros países da América Latina, só por volta do início do século XX, nas décadas de 1920 e 1930 é que surgem as universidades de São Paulo, Manaus, Rio de Janeiro, dentre outras (MELO NETO, 2012; SOUSA, 2010). Os estudantes brasileiros buscavam uma universidade que se abrisse para todos, assim, basearam sua luta no Manifesto de Córdoba, reiterando a oposição ao modelo de universidade definida “para” e “da” elite.

Vale salientar que esses modelos de universidades foram construídos de acordo com seu tempo, constituindo em uma instituição não voltada para atender aos interesses da sociedade como um todo, mas ao Estado e uma parte de determinados grupos.

A definição de um modelo de universidade está intimamente ligado a um modelo de sociedade, entretanto exige-se da universidade uma posição contestadora aos conflitos da sociedade e de sua própria estrutura, e mais que isto, uma posição propositiva e alternativa aos modelos contestados. (SERRANO, 2011, p. 27)

No caso da formação da universidade brasileira, seu compromisso social restringiu ao ensino de uma parcela da sociedade e, mesmo as atividades de Extensão que poderiam ganhar um

papel de mediar e ampliar o compromisso social, acabam favorecendo aos interesses das camadas dominantes.

No Brasil, a Extensão desenvolvida no século XX possui fortes influências do modelo de Extensão da Europa e Estados Unidos, sendo que adota do primeiro um serviço de cursos voltados para classe popular por meio das universidades populares¹, enquanto que, do segundo, adquire a prestação de serviço como forma de desenvolver comunidades.

Segundo Sousa (2010, p.16) “o termo ‘Extensão’ apareceu pela primeira vez na legislação educacional em 1931, no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras. [...], sendo reconhecida pelo o oferecimento de cursos e conferências de caráter educacional.”. Esse termo reaparecerá como faceta obrigatória, nos anos 60, em todas as IES do Brasil, assim como está estabelecido no texto da Lei nº 5.540/68 (BRASIL, 1968).

Assim como a universidade foi desenvolvida para atender aos interesses de determinados grupos, a Extensão não foge à regra. Da década de 1930 até 1987, essa vem sistematicamente atendendo a jogos políticos, econômicos e sociais de determinados setores da sociedade. Entre as décadas de 1930 a 1970, não havia, para classe popular, acesso às IES², além disso, o ensino e a pesquisa era desenvolvido sem intuito de resolver os problemas dessas classes uma vez que, a universidade fora criada para a formação da elite e, por muito tempo, esteve subordinada ao Estado, o que nos permite também identificar, nesse período, uma Extensão associada ao modelo de prestação de serviço com caráter assistencialista, com cursos técnicos para obtenção de mão de obra qualificada, como afirma Tavares (1996, p.27 apud Melo Neto, 2012, p. 37), “a extensão universitária continuou voltada a preparar técnicos”, o que nos permite perceber o distanciamento de uma Extensão produtiva de conhecimento e de caráter social.

¹ Modelo de universidade que surge na Europa no século XX, com o propósito de disseminar conhecimentos técnicos às camadas da sociedade.

² Instituições de Ensino Superior.

1.1 A polissemia que a Extensão assume no Brasil

Como as universidades foram concebidas com ideais de atender um determinado público e construir um conhecimento subordinado ao modelo vigente de sociedade que estabelece a mão de obra necessária a sua manutenção, a Extensão figura nesse espaço como um instrumento possibilitador para o alcance desses objetivos traçados por determinados agentes sociais, mas também, na visão de outros, ganha um significado de mediadora das relações universidade-sociedade com um viés para a melhoria de vida e a valorização de saberes e construção de um perfil de sujeito emancipado das amarras servis de um modelo imposto verticalmente. A autora Reis (2010) especifica que a Extensão pode ser vista como vilã ou fada madrinha:

Vilã, pois alguns estudiosos a encara como uma forma de domesticação, de imposição de um conhecimento em detrimento de outro. Fada madrinha, que pode colaborar para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, podendo possibilitar aprendizados para todos os atores. (REIS, 2010, p. 101)

Construir um conceito de Extensão não é algo fácil e novo, no cenário que a universidade brasileira se constituiu, como nos explica Sousa (2010), instauram-se três momentos que definem a Extensão universitária sob a ótica de interlocutores como: os discentes, Estado, e a própria IES representada na voz e ações dos seus docentes.

A extensão universitária, como uma das funções acadêmicas, tem sofrido de uma dificuldade crônica na construção de seu conceito. Há uma multiplicidade de enfoques e, conseqüentemente, de ações interlocutores e posicionamento. Sua concepção, quando identificada parece sempre atrelada a proposições individuais, sem maiores cuidados de uma construção teórica e mesmo históricas. A polissemia é uma constante. Esta falta de clareza conceitual acaba por provocar maior depreciação do *status* da extensão dentro da universidade. Afinal, não se identifica o que pode ser a prática extensiva e muitas vezes a confusão com o ensino e a pesquisa torna mais difícil essa identificação. Tentar clarear como atividades independentes tornam esta tarefa um esforço inútil, pois as atividades se completam e se mesclam umas às outras. (SOUSA, 2010, contra capa).

A universidade vista como um palco de ocupação de ideários para formação da elite abre espaço, por meio da Extensão, para as classes menos favorecidas do ensino superior, tendo como sujeitos os estudantes na luta por uma universidade que chegasse aos populares.

Nos processos dos contextos sociais, é notória a presença desses jovens universitários, desde o Brasil colônia, ainda que nesse período não existissem as universidades propriamente ditas, tampouco o termo extensão, eles participam dos problemas da sociedade exercendo um papel social, como assevera Sousa (2010, p. 23) quando afirma que “não existe nenhum exagero ao afirmar-se que a Extensão Universitária no Brasil deve sua origem ao Movimento Estudantil”.

Vale lembrar que, nesse período colonial, não tínhamos um movimento estudantil organizado, esse só veio a se organizar, com o nome de União Nacional dos Estudantes – UNE, em 1937, durante o Estado Novo, mas é perceptivo que esses jovens já procuravam ser sujeitos da história, imbuídos na busca de propagar os espaços da universidade aos demais setores sociais, tornando-a uma instituição possível e acessível a todos/as. Esse movimento estudantil torna-se uma quimera para a elite, seu corpo é constituído de estudantes pertencentes às camadas sociais que exercem influência no poder político e econômico da época, que se revestem da pele do oprimido em luta por uma universidade que cumpra seu papel social, assim, se constituem em sujeitos ativos em uma ação sobre o *status quo*.

Segundo Freire (2013, p.55),

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.

A classe estudantil, inconformada com a realidade de uma universidade fechada para um determinado público, busca a utilização da Extensão como um instrumento útil para o desenvolvimento político, social e cultural na relação universidade/sociedade, assumindo uma “consciência de que a luta estudantil é, ao mesmo tempo, interna e externa à universidade, interpenetrando-se com as lutas sociais maiores” (WANDERLEY, 2003, p. 57-58). É notória a presença dessa classe nas lutas pelo igualitário social, na busca de reformas universitárias que acabassem com a disparidade de um ensino superior destinado apenas a uma classe dominadora, dando enfoque agora a um desenvolvimento das camadas populares no que remete a sua libertação através da educação.

Com ideal de luta contra as formas de opressão que negavam o direito aos espaços públicos aos menos favorecidos da sociedade, os estudantes no período do Brasil colônia até o Estado Novo, já se mostravam antenados com a política nacional, ainda que não estivessem organizados de uma forma estrutural, atuavam esporádica e regionalizadamente, imbuídos pelo desejo de afirmar um compromisso com a sociedade. Em 1937, com a criação da UNE, efetivam sua participação de forma mais ampla, colocando-se como uma entidade participativa da vida política e social. Nesse período, a Extensão universitária poderia ser vista como a inserção de jovens nas questões políticas/sociais, marcando sua história em se contrapor, em detrimento de se acomodar frente às estruturas universitárias.

Esse movimento estudantil na conjuntura que permeava a sociedade, apresentava suas bandeiras de luta. Segundo Wanderley (2003, p.57),

o movimento estudantil latino-americano lutou, à época do movimento reformista, pela participação interna e externa. Num segundo momento, lutou pela modernização da instituição e da sociedade, empunhando a bandeira do desenvolvimento nacionalista e combatendo o imperialismo.

Assim, o movimento assume a sua postura isenta de neutralidade, em busca de uma universidade efetivada numa relação com a sociedade e sua utilização como massa sujeitada aos interesses do Estado. Até a década de 60, temos um movimento estudantil em campanhas voltadas para a proteção do patrimônio territorial e econômico, a exemplo o lançamento, em 1947, da campanha o “Petróleo é Nosso”, durante sua fase socialista. Já no Governo de Vargas, em 1951, sua participação nessa campanha não estava baseada num entusiasmo próprio, mas na força do Estatuto da Entidade, já que a campanha passou a ser usurpada como uma ideia do governo nacionalista (SOUSA, 2010).

Ainda que o movimento estudantil se encontrasse utilizado pelo Estado, observa-se seu engajamento na luta em defesa de um compromisso social da universidade por meio de seminários realizados com foco na reforma universitária. Três seminários são marcos que potencializam a participação do Movimento Estudantil: o I Seminário Nacional de Reforma Universitária (Bahia – 1961); o II Seminário Nacional de Reforma Universitária (Paraná – 1962) e o III Seminário Nacional de Reforma Universitária (Minas Gerais- 1963).

Do seminário da Bahia, Melo Neto (2002) destaca que:

Esse documento trata de dois aspectos básicos: a análise da realidade brasileira e análise da universidade no Brasil. No texto merece destaque o capítulo que trata de Reforma Universitária que, definido suas diretrizes, passa assumir um compromisso com as classes trabalhadoras e com o povo (p. 17).

No que refere ao seminário da Bahia, pode-se observar a luta por uma universidade democrática, que se viabilizaria por meio da Extensão universitária e que atuaria como um canal entre universidade e sociedade.

Esses eventos potencializam a luta estudantil e “foram momentos de intensa discussão sobre a reforma universitária [...] nos quais a necessidade de maior compromisso Social da universidade aparecia sempre ligada às reformas de base da sociedade brasileira” (SOUSA, 2010, p.37). Eles representaram a politização dos estudantes no período.

Nesse contexto, tivemos algumas experiências de Extensão Universitária, tais como: o Serviço de Extensão Cultural (SEC), o Movimento Cultural Popular (MCP), o Centro Popular de Cultura (CPC) e a Universidade – Volante (UNE – Volante) (SOUSA, 2010) que representaram um palco, tanto para a politização estudantil, como para organização de movimentos populares.

O movimento estudantil de que até agora tratamos viu suas lutas “silenciadas” pelo Golpe Militar de 1964. Ao se opor ao golpe, os estudantes sentiram o peso da mordida no seu pensar/agir, com sua sede incendiada, passaram a viver em clandestinidade em um processo de resistência que, embora não pudesse se manifestar publicamente, permaneceu velado o que, posteriormente, culminou no desencadeamento da luta pela democratização do país.

O foco de atividades do movimento estudantil passou a ser combater governo, o que acaba acarretando seu enfraquecimento. Ainda atuando na clandestinidade, lutavam pela reforma universitária, que veio a ser instituída pela Lei 5.540/68. Esse movimento estudantil que atuava ao lado da classe trabalhadora por uma sociedade justa para todos, a partir do período da ditadura, passa a ver sua idealização de Extensão, que tinha uma concepção política e cultural singular, ceder lugar para uma Extensão prestadora de serviço assistencialista, via a criação do Projeto Rondon, Campis Avançados.

Obedeciam estes programas a inspirações externas às Universidades: eram calcados em uma ideologia de integração nacionalista, [...] por meio deles os estudantes e professores eram convidados para o trabalho de natureza assistencial, destinado a melhorar as condições de vida de comunidades distantes. (SANTOS, 1986, p. 22)

Nessa visão da Extensão prestadora de serviços assistencialistas, vamos presenciar o que Golpe Militar de 64 sabia fazer de melhor: silenciar vozes, assim, o movimento estudantil foi utilizado para atuar nos serviços de Extensão adotada pelo o Estado, a universidade torna-se palco privilegiado para ofertar, através de seus estudantes e professores, serviços assistencialistas à população, era o Estado Militar cumprindo seu papel, amordaçando os “intelectuais universitários” e, através da falsa “bondade”, mantinha a população oprimida grata pela ajuda ofertada.

Assim, as práticas extensionistas são institucionalizadas sob uma perspectiva domesticadora, de controle e forma de abrandamento às necessidades sociais, culturais e educacionais da população que começa a pressionar pelo o acesso à escola e à educação superior, são exemplos dessa estratégia de governo os programas de atuação esporádica, como o Projeto Rondon, CRUTAC. (SERRANO, 2011, p. 31)

Como a Extensão universitária vinha sendo forjada na universidade, tínhamos uma educação bancária e domesticadora. Essa pode ser exemplificada pela mão de via única, onde os saberes da universidade eram depositados na sociedade, sem que houvesse diálogos entre os sujeitos, contribuindo para controlar e manter os saberes da população oprimida. Freire (1983) expõe que a Extensão é formulada para estender os conhecimentos prontos da universidade de forma transmissiva, sem diálogos, uma invasão no mundo do outro, que são considerados como sujeitos inferiores e que necessitam dos saberes superiores construídos na academia.

- Extensão Transmissão
- Extensão Sujeito ativo (o que estende)
- Extensão Conteúdo (que é escolhido por quem estende)
- Extensão Recipiente (do conteúdo)
- Extensão Entrega (de algo que é levado por um sujeito que se encontra “atrás do muro” àqueles que se encontram “além do muro”, “fora do muro”. Daí que se fale em atividades extramuros)
- Extensão Messianismo (por parte de quem estende)

Extensão Superioridade (do conteúdo de quem entrega)
Extensão Inferioridade (dos que recebem)
Extensão Mecanicismo (na ação de quem estende)
Extensão Invasão cultural (através do conteúdo levado, que reflete a visão do mundo daqueles que levam, que se superpõe à daqueles que passivamente recebem)
(FREIRE, 1983, p. 22).

Assim, esse modelo de Extensão não encaminhava para uma educação libertadora, na visão de Freire, pois essa deveria ser concebida como comunicação, em que os sujeitos da universidade e sociedade dialogassem na busca de transformações, superando a ação antidialógica que é característica da força dominante. Sendo assim, “o seu quefazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e reflexão dos outros, se seu compromisso é o de libertação” (FREIRE, 2013, p. 169). Nesse sentido, percebe-se que a universidade assumiria uma postura de Extensão que superasse a educação bancária e invasora de características domesticadoras, que pode ser considerada como um instrumento de alienação, cedendo lugar para uma Educação Libertadora de caráter comunicativo, embasado na ação e reflexão.

O contrário da Educação Bancária/domesticadora e, como consequência, da extensão universitária transferidora, invasora, normativa, alienada e pretensiosamente neutra e apolítica, é a Educação Libertadora, problematizadora, um ato de comunicação entre dois ou mais indivíduos pensantes em torno de um objeto pensado.” (SANTOS, 1986, p. 43)

Na Teoria Antidialógica da Ação, Freire (2013) nos apresenta suas características, sendo uma delas a Invasão Cultural que é “a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo” (FREIRE, 2013, p. 205), ou seja, instrumento utilizado como forma de dominação, em que há quem prescreve e quem segue essas prescrições. Nesse sentido, uma Extensão invasora impossibilita um diálogo interativo entre universidade e sociedade, culminando para uma ação de alienação e controle de uma determinada realidade depositada nos seus educandos, se contrapondo a uma educação que problematize, reflita e liberte de uma visão única de mundo.

Essa é a razão pela qual, para nós, a “educação como prática da liberdade” não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é

a “perpetuação de valores de uma cultura dada”; não é o “esforço de adaptação do educando a seu meio.” (FREIRE, 1983, p.78)

A universidade que antes era associada ao Estado, que se utilizava da Extensão como forma de disseminar e controlar os conhecimentos e manter as classes subalternas ao poder dominante, na década de 80, com o processo de democratização buscará constituir uma Extensão para seu próprio uso, não mais subserviente aos mandos e desmandos do governo.

Nesse cenário de luta a favor de uma transformação social, busca-se assumir um novo papel para além do conhecimento transmissível e prestação de serviço, sendo assim, a Extensão passa a ser vista como uma articuladora social da universidade com a sociedade, seus docentes enxergam a possibilidade de, com essa reabertura política, conseguir implantar a função social da universidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e Extensão, ideias essas que se manifestariam mais adiante nos FORPROEX³, que é um evento organizado para discutir e elaborar propostas para a Extensão.

Esses fóruns tiveram início em 1987, em Brasília e, nesse mesmo ano, foi promovido o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, onde surgira um conceito de Extensão que prevalece até os dias atuais e no qual podemos perceber os ideais de Extensão almejados pela classe docente.

No documento resultante do fórum acima citado, temos:

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 1987, s. p.)

Por esse conceito assumido no FORPROEX, teremos uma evolução da Extensão, antes tida comovia de mão única, segundo a qual a universidade era posta como detentora do saber pronto e acabado para o povo, e cede-se lugar para a visão da Extensão como via de mão-dupla,

³ Fórum dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

que será a articuladora entre teoria/prática, que se entrelaçam na relação universidade/sociedade, em busca de conhecimento e aspirando mudanças sociais, como nos confere Serrano (2011):

Identifica-se nesta conceituação, a extensão em três vertentes: com prática acadêmica, que é parte do processo educativo e que produz conhecimento; como um processo de produção do conhecimento que interliga saberes, o popular e o científico; como um processo de transformação social, que liga a universidade à sociedade. (p. 32-33)

Sobre a Extensão como prática acadêmica, o Plano Nacional da Extensão Universitária, em um dos seus objetivos, propõe: “Reafirmar a extensão universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade”. Essa perspectiva contrapõe-se a uma Extensão voltada para a prestação de serviço de caráter assistencialista. Sobre isso, Jezine expõe que:

Diante dessa nova visão de extensão universitária, esta passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. (JEZINE, 2004, p.03)

Perceba-se que, segundo Severino (2007, p.33), “a prática de extensão deve funcionar como um cordão umbilical entre sociedade e universidade”, assim, a universidade detentora de saber cede lugar para uma ação dialógica entre os sujeitos envolvidos pela a Extensão universitária, assumindo uma função frente a realidades que favoreçam a formação do aluno, o aperfeiçoamento do professor e a interação com a sociedade. Nesse sentido, a Extensão passa a ser compreendida como um instrumento viabilizador entre teoria e prática, ensino e pesquisa que desvela um pensar e fazer no intercâmbio com a sociedade, “a Extensão como lugar constante de ação e reflexão do Ensino e Pesquisa, que convida a sociedade a participar ativamente da construção do conhecimento”. (CRUZ, 2013, p. 198-199)

Entretanto, como podemos observar, definir a Extensão Universitária não é algo simples. Melo Neto (2002) aponta que o conceito de Extensão como via de mão única demonstra o caráter de uma universidade autoritária, que supõe ser detentora do conhecimento, sendo assim, leva seu saber para “aqueles” que ela julga nada saber. Por outro lado, a universidade com uma Extensão

via de mão dupla troca conhecimento com a comunidade e essa relação ocorre a partir de um conhecimento já existente.

Para o autor, a busca por uma produção de conhecimento vai além de trocas de saberes, em uma perspectiva de Extensão como um trabalho social útil, atua-se na realidade objetiva constituída por membros dos projetos e da comunidade, assim, esse modelo nos oferece um novo conceito de Extensão com um feitiço popular, dando origem a uma Extensão Popular que estima o diálogo e a valorização do outro no processo da construção de um novo conhecimento produzido no coletivo.

Extensão é, assim, um trabalho social útil sobre a realidade, realizando-se como um processo dialético de teoria e prática dos envoltos nesse trabalho, externando um produto que é o conhecimento novo, cuja produção e aplicabilidade possibilitam o exercício do pensamento crítico e do agir coletivo (MELO NETO, 2006, p. 79)

A Extensão como trabalho social útil, prisma pela coparticipação para além da comunidade acadêmica (alunos, professores, servidores), já que tem por natureza uma dialeticidade, propõe uma universidade externa com participação da comunidade ou outros setores da sociedade, e que as reflexões teóricas não se limitem internamente nos seus espaços. Ao ser proposta uma Extensão voltada para um trabalho social útil se contrapõe a ideia de um modelo de prestação serviço assistencialista de que “a universidade está numa posição cultural superior à comunidade e é capaz de resolver seus problemas. Ela sabe os caminhos e não precisa do saber popular” (CRUZ, 2013, p.184), ou seja, sugere-se a superação de uma Extensão universitária que exerce um papel autoritário ao negar os saberes da comunidade.

A universidade, ao longo tempo, vem buscando assumir o seu papel social com a sociedade, Sousa Santos (2008) coloca que, nos últimos vinte anos, surgiram na universidade as crises de hegemonia, de legitimidade e institucional. A crise de legitimidade se refere à relação da universidade com a sociedade e ao objetivo de conhecimento produzido pela universidade; a crise institucional ocorre em função da estrutura organizacional e autonomia da universidade, destacando a da hegemonia como a mais ampla, na medida em que é nela que se encontra a exclusividade do conhecimento que a universidade produz e transfere, uma crise que se manifesta nas tensões que ocorrem entre a cultura erudita e cultura popular, educação e trabalho.

Nessa perspectiva, numa universidade que passa a atender mercados.

Há uma crise de hegemonia sempre que uma dada condição social deixa de ser considerada necessária, única e exclusiva. A universidade sofre uma crise de hegemonia na medida em que sua incapacidade para desempenhar cabalmente funções contraditórias leva os grupos sociais mais atingidos pelo seu déficit funcional ou o estado em nome deles a procurar meios alternativos de atingir seus objetivos. (SOUSA SANTOS, 2008, p. 192)

A partir da década de 90, a universidade, segundo Jezine (2004, p. 04) assume-se como uma prestação de serviço mercantilista, advinda das transformações econômicas e políticas de abertura de mercado no mundo globalizado. Para a autora, o aumento da tecnologia e informatização do conhecimento tem colocado a universidade, que é um campo de produção de conhecimentos, a adotar uma postura acerca das condições materiais do seu trabalho, inserindo-a, assim, na competitividade do mercado e reduzindo a qualidade de seu produto e até mesmo sua eminência como produtora de saber, tudo isso instaura uma crise. Nessa linha, de temos uma Extensão mercantilista, na qual a reponsabilidade com o mercado se sobrepõe aos interesses da comunidade acadêmica, do ensino e da pesquisa, bem como das instâncias da sociedade civil.

Nesse contexto,

não mais se acentua a preocupação no atendimento às necessidades sociais da comunidade, a exemplo da concepção assistencialista, ou mesmo a integração do ensino-pesquisa, da relação universidade e sociedade e/ou da relação teoria-prática, em uma perspectiva dialética, como proposto pela concepção acadêmica. Outra concepção ideológica tem se constituído frente às novas exigências da sociedade globalizada, [...], deixa-se de privilegiar o atendimento aos grupos excluídos e passa a tratar a todos como consumidores. Dessa forma, o produto da universidade transforma-se em mercadoria a ser comercializada e a extensão passa a ser um dos principais canais de divulgação e articulação comercial (JEZINE, 2004, p. 04)

Sabemos que a universidade, desde sua origem, serve a alguém, será que essa vestirá um projeto social ou um projeto mercadológico?

Utilizando aqui as palavras de Cruz (2013, p.185), “na verdade, a universidade é um laboratório da sociedade; as escolhas, de forma geral são medidas e fortemente influenciadas por padrão de consumo, de *status* e de poder”, entretanto, dessa maneira, como a universidade pode servir a esses modelos, possui também “autonomia” de buscar medidas de rompê-los, compreendendo que, se a sociedade a influência, ela também tem voz para transformar a

sociedade. Precisa ter a “utopia” para pensar e ampliar a busca para a consolidação de uma universidade que seja também uma Extensão social, para além do capital, que não transforme a tudo e a todos em mercadoria, pois “a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora.” (MÉSZÁROS, 2008, p. 76)

Assim, a universidade necessita ser permeada por uma educação humanizadora que supere a desumanização provinda da lógica mercadológica da sociedade contemporânea, para isso a educação precisa ser um ensino focado na condição humana, que faça os seres humanos reconhecerem-se em sua humanidade comum, reconhecendo a diversidade cultural no que se refere a tudo que é humano (MORIN, 2011).

O que se pode perceber é uma busca por uma educação que priorize o humano como sujeito na sua condição de natureza humana em contraponto a sua desumanização construída por uma sociedade que a todos vê como objeto de mercadoria. Como salienta Saviani (2013), a educação é inerente ao ser humano, sua compreensão está intimamente relacionada com a natureza humana, ou seja, a educação precisa estar voltada para o humano enquanto sujeito e não objeto, compreendendo que o humano atua na natureza, mudando-a e, simultaneamente, transformando a si mesmo. De acordo com Mézáros (2008, p. 102), “A única força capaz de contribuir positivamente para o novo processo de transformação é a própria educação, cumprindo com isso seu papel de órgão social”, rompendo com lógica de uma sociedade capitalista que tudo e a todos coisifica a favor de seus próprios interesses.

“A lógica que rege a universidade não pode ser a de mercado, mas o interesse da sociedade” (Serrano, 2011, p. 42). Pensar em uma extensão social de oposição a de mercantilista, requer uma luta por direitos, e esses se constituem em um dever do sujeito para si mesmo e para o coletivo (sociedade).

Todo direito que existe no mundo foi alcançado através da luta; seus postulados mais importantes tiveram de ser conquistado num combate contra coortes dos opositores; todo e qualquer direito, seja direito de um povo, seja o direito do indivíduo, só se afirma através de uma disposição ininterrupta para luta. O direito não é uma simples idéia, uma força viva. (IHERING, 2002, p. 19)

Nesse sentido, a universidade possui, em decorrência de sua luta, o direito de “autonomia” e pode exercê-lo para permanência de uma Extensão domesticadora ou libertadora. Para Reis (2010, p.101), “a Extensão universitária é poeticamente, uma rosa,- por ser delicada traduz a relação entre duas realidades, por conter espinhos, requer cuidados para não machucar quem a toca, é uma delicada relação”.

A Extensão traz inerente, portanto, uma dicotomia na elaboração de seus conhecimentos e de sua relação com a sociedade. Nesse sentido, pode produzir conhecimentos para libertar ou aprisionar sujeitos, dependendo do modelo de projeto de formação adotado pelas universidades.

CAPÍTULO II - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO PROCESSO FORMATIVO NA GRADUAÇÃO E NA SOCIEDADE

No artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 está disposto que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Por esse artigo fica declarado que as universidades precisam disponibilizar ensino, pesquisa e extensão durante a formação acadêmica de seus graduandos/as. Se antes, no âmbito da universidade, prevaleciam como basilares o ensino e a pesquisa para formação profissional, a Extensão é posta como parte integrante nesse processo formativo, com característica de promover o diálogo entre teoria e prática, entre universidade e sociedade, “quebrando” a dicotomia existente entre os saberes acadêmicos postos como superiores aos demais produzidos fora de seus muros.

Nesse sentido, a Extensão como função acadêmica proporciona aos professores e graduandos uma aproximação com a realidade, articulando ensino e pesquisa em uma ação dialógica, rompendo barreiras de uma educação alienada que se encontra enraizada na universidade. Sendo, assim:

Os princípios da integração ensino-pesquisa, teoria e prática que embasam a concepção de extensão como função acadêmica da universidade revela um novo pensar e fazer, que se consubstancia em uma postura de organização e intervenção na realidade, em que a comunidade deixa de ser passiva no recebimento das informações/conhecimentos transmitidos pela universidade e passa a ser, participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania. (JEZINE, 2018, p. 03)

Assim, universidade funciona como apoio para que os acadêmicos, por meio do ensino, pesquisa e extensão, entrem em contato com comunidade, instituições civis e, nesse diálogo, se reconheçam ambas as partes como sujeitos na produção do conhecimento, ultrapassando a visão de que existem ativos e passivos, compreendendo que todos são atores que influenciam e agem de forma crítica sobre a sua realidade.

A Extensão assume um papel imprescindível na universidade, na medida que pressupõe que o pensar/fazer acadêmico não pode se encontrar isolado do demais sujeitos que produzem

conhecimento, a universidade precisa ser palco de uma educação dialógica, compreendendo que não estende conhecimento, mas que o constrói junto com a sociedade em seus determinados contextos. Como nos alerta Freire:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1983, p. 25)

É fundamental que a universidade se relacione com a sociedade por meio de uma Extensão que promova uma educação libertadora, que favoreça uma aprendizagem que desvele um conhecimento técnico-científico comprometido com a realidade, que possibilite que os graduandos possam se constituir em profissionais humanizados, tarefa essa que a Extensão é capaz de oferecer, por proporcionar que os espaços acadêmicos se entrelacem com os demais âmbitos da sociedade. Numa relação de compartilhamentos de saber, conhecimentos envolvendo as subjetividades de todos os participantes desse diálogo, colocando-os em contato com fazeres/dizeres, assegurando a possibilidade de se tornar um profissional capaz de agir e refletir sobre sua prática construída na academia, ganhando uma dimensão humana, na medida em que não se vê como o único produtor de conhecimento, mas coprodutor juntos aos demais sujeitos, ampliando sua visão de estar no mundo. Essa linha de raciocínio se coaduna com a trazida por Freire (1981) quando afirmou que “quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências [...] mais aumenta minha responsabilidade com os homens” (FREIRE, 1981, p. 20).

A aproximação da universidade e sociedade potencializada pela Extensão resulta na formação de um profissional cidadão interligado às questões sociais, políticas educacionais, econômicas e culturais, podendo contribuir para mudanças na sociedade. É imprescindível que o graduando mantenha uma interação com a sociedade durante sua formação, que lhe possa ser oportunizadas situações que lhe preparem para saber enfrentar os problemas que possam surgir.

A extensão entendida como prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população, possibilita essa formação do profissional cidadão e se credencia cada vez mais junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes. (PLANO NACIONAL DA EXTENSÃO, s.d., p.05)

A universidade, quando concebida, institui-se como detentora do saber. Prestadora de serviços assistencialista, em sua raiz de formação, trouxe à tona o ensino como transmissor do conhecimento aos seus educandos. A pesquisa, por sua vez, teria a função de aperfeiçoar os conhecimentos existentes e produzir novos. Nessa estrutura, a Extensão funcionaria como um instrumento que estende essa produção universitária à sociedade, reduzindo o termo “extensão” como um ato de estender, apenas (FREIRE, 1983).

Entretanto, sugere-se que a Extensão seja vista como comunicação entre os sujeitos, desfazendo a ideia de que há um saber superior que precisa ser transferido para aqueles “despossuídos”. Assim, a “Extensão é orientada pelo o diálogo entre comunidade e universidade, na compartilhagem de conhecimentos buscadores de transformação social, cristalizada em utopias como direitos iguais para todos, emancipação humana, social e material”. (CRUZ, 2017, p. 20-21). Nessa ação comunicativa que se dá por meio do diálogo, os sujeitos vão percebendo que não existe o pensante e o passivo das ideias, mas ambos produzem saberes que podem ultrapassar a visão ingênua de uma educação que não precisa da realidade como um eixo para formação profissional do graduando e para as transformações sociais.

A Extensão, nesse sentido, possibilita que a universidade construa uma ação dialógica com a sociedade, promovendo uma formação acadêmica satisfatória ao fazer uma ponte entre teoria e prática. Além de disso, ao entrar em contato com a sociedade, põe “fim a uma história de exclusão de grupos sociais e seus saberes de que a universidade tem sido protagonista ao longo do tempo” (SOUSA SANTOS, 2011, p.56), nesse sentido, a Extensão pode proporcionar a democratização da universidade que é uns dos objetivos da reforma universitária.

A Extensão fundada em uma relação dialógica precisa se despir de uma educação domesticadora, que não acrescenta aos seus educandos oportunidades de aprender-ensinar-aprender com a sociedade, refletindo acerca do mundo externo aos muros da universidade.

Compreendendo que a universidade não pode inculcar nos seus acadêmicos a falsa ideia de que são possuidores de uma educação pronta e acabada que reina sobre as demais,

compartilhamos da ideia de que “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornarem educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” (FREIRE, 2013, p.57).

Compreendida a partir desse sentido de inacabamento, a educação não pode se limitar a uma prática bancária domesticadora de saberes depositados nos sujeitos, a universidade sendo um *lócus* de produção de conhecimento, precisa desprender-se de um modelo dominante que prega adaptação do homem à sociedade, servindo para mantê-lo alienado e eficaz para o capital. No livro intitulado “Para Além do Capital” (MÉSZÁROS, 2008), o autor discute que educar não se limita a uma transferência de conhecimento, mas a uma conscientização de mundo, que liberta os sujeitos das amarras do pensamento capitalista desumanizador, o qual tem em sua raiz o individualismo, a competição e lucro. Nesse sentido, para se pensar em uma sociedade para além capital precisa-se de uma educação capaz de emancipar os sujeitos da lógica do capital, esse é o caminho “se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativa diferente” (MÉSZÁROS, 2008, p. 27). Assim, a universidade como um âmbito do pensar/fazer por meio da Extensão que permite os sujeitos não ficarem na redoma da sala aula, possibilita um engajamento dos educandos na e com realidade para compreender que educação não é uma mercadoria.

A universidade, ao disponibilizar ensino/pesquisa/extensão proporciona a construção do conhecimento aos graduandos que precisam estar articulado em uma ação-reflexão-ação com a realidade objetiva, para a formação de um profissional não alienado que reconhece a realidade não por olhos alheios, mas com seus próprios olhos, confirmando uma educação libertadora em oposição a uma domesticadora: “O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade” (FREIRE, 1981, p.21).

A Extensão está vinculada ao ensino e pesquisa, assumindo o papel na formação do graduando, professor e da sociedade. Ao longo de sua existência, ao ser instituída na universidade, podemos constatar que essa assumiu a forma de mão de via única servindo a uma educação bancária, onde o conhecimento era transmissível, os saberes produzidos na universidade eram depositados na sociedade via Extensão, que se tornara um instrumento

mantedor de um saber antidialógico, julgado superior, conseqüentemente, preparando um profissional técnico restrito de uma formação humana desvinculada da realidade.

A via de mão dupla foi outro sentido que a Extensão assumiu como resultado do FORPROEX de 1987, que estabeleceu o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e Extensão. Assim, a Extensão universitária ganha a função de viabilizadora da relação universidade e sociedade, permitindo a troca de saberes acadêmicos com a sociedade, possibilitando que participantes de projetos e comunidade envolvidos pelo diálogo via Extensão produzam um conhecimento advindo do confronto com a realidade.

A Extensão como via de mão dupla sofre uma crítica por ser considerada uma via que interliga saberes existentes, mas não possibilita a construção de um novo saber, é questionada por Melo Neto (2001, p. 215) que a considera uma forma de separar “o processo educativo da própria educação, o processo cultural da própria cultura, bem como o processo científico da própria ciência.”

Assim, o autor sugere uma Extensão como um trabalho social útil, que se caracteriza como social por ser realizado não de forma individual e torna-se útil, pois busca atender necessidades humanas, assumindo uma intencionalidade de favorecer a indissociabilidade com o ensino e pesquisa e para romper com educação alienante, compreendendo que a sociedade, ao produzir o homem, esse, concomitantemente, também a produz.

A tarefa da Extensão perpassa no tempo sofrendo mudanças, na Política de Extensão Universitária são estabelecidas diretrizes que norteiam as ações da Extensão universitária: “Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Estudante, e Impacto e Transformação Social”. (MEC, 2012).

Essas diretrizes em conjunto, visam promover uma ação dialógica entre universidade e sociedade superando a dicotomia de que exista um saber superior a outro, quebrando o discurso da hegemonia acadêmica. Proporcionando uma interação por meio do ensino, pesquisa e Extensão, uma aproximação com a realidade, que possibilite uma formação do graduando em termos de teoria e prática que o tornem protagonista na construção do conhecimento em conjunto com professores e comunidade envolvido em projetos, cursos, palestras, e com o intuito de afirmar um compromisso social com a população em busca de transformação.

De acordo com Jezine (2004, p. 03-04), “a interação ensino-pesquisa-extensão é o pilar que alicerça a formação humana/profissional, bem como a interação universidade e sociedade, no cumprimento da função social da universidade”. Assim, a Extensão universitária, torna-se uma potencializadora na ampliação da formação acadêmica, transformando os espaços sociais em lugares de aprendizagem profissional e humana, que colabora a uma formação humana como um todo.

Para Reis (2010, p.94) “as ações de extensão universitária podem contribuir para a formação mais engajada e consistente dos alunos e, efetivamente, para a construção de uma sociedade mais justa” já que a inserção do aluno com a Extensão universitária possibilita uma vivência com realidade produtiva para o seu processo de formação acadêmica, que não se limite apenas aos conhecimentos transmissíveis já elaborados pela humanidade, mas sair do seu contexto sistematizado, inserindo-se nos cotidianos de outros saberes em uma relação interativa que pode desencadear um conhecimento novo para sociedade.

Nesse sentido, o documento da Avaliação Nacional da Extensão (2001), contempla que é fundamental para fazer acadêmico a indissociabilidade entre ensino/pesquisa/extensão, compreendendo que a relação entre o ensino e a Extensão pode vir a favorecer a transformação do processo pedagógico, uma vez que professores e alunos tornam-se atores do ensinar e aprender. Esse documento expõe que a relação de extensão e pesquisa, surge quando a produção do conhecimento beneficia a população.

Nessa perspectiva, entende-se que a Extensão assume um papel de ampliar o universo de conhecimento de seus graduandos e de reafirmar o compromisso solidário e social das universidades com a sociedade, visando transformações sociais.

2.1 - Extensão Universitária: os saberes compartilhados entre graduandos e demais sujeitos e as mudanças nos espaços sociais mediadas por projetos de Extensão

A Extensão universitária se caracteriza como uma das funções sociais da universidade que visa promover o desenvolvimento social, com a elaboração de programas e projetos de Extensão que favoreçam um encontro entre os saberes acadêmicos com os populares. Esses projetos tem o papel de divulgar as conquistas e resultados de pesquisa científica e tecnológica produzida na

IES, dessa forma, envolve os discentes em ações frente à realidade, colaborando com sua formação.

No Art. 43º, do capítulo IV da LDB⁴ quando se refere à Educação Superior consta que essa tem por escopo:

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação. (BRASIL, 1996).

A LDB expõe de forma intensa a responsabilidade da IES com o compromisso social que precisa exercer com a sociedade e com a formação dos seus discentes. Nesse sentido, a Extensão assume o papel de articular os saberes desenvolvidos na academia com os produzidos nas demais instâncias sociais, possibilitando a construção de conhecimento para o desenvolvimento da sociedade simultaneamente contribuindo para a formação acadêmica ao proporcionar a inserção do graduando na realidade onde esse pode refletir o aprendizado da sala de aula com outros espaços em uma práxis no cotidiano, desenvolvendo o seu lado pessoal e profissional. Assim:

compreendemos que a extensão universitária é um espaço privilegiado em que se forma redes de conhecimentos e produção de saberes, um canal de pesquisa e aprendizado em que a universidade cria abertura de vínculos com a sociedade, não numa forma assistencialista, mas na relação de intercâmbio de saberes, permitindo a tecelagem de fios condutores e formacionais dos sujeitos nela envolvidos. (ARAÚJO, 2009, p. 64).

Para formar essa aliança entre universidade e sociedade, a Extensão desenvolve ações como projetos de Extensão que se caracterizam como uma “Ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado” (FORPROEX, 2007, s.p.). O projeto de Extensão visa ampliar a formação acadêmica para além da sala de aula, permitindo um encontro de discente, professores com a sociedade, e nessa relação produzem um saber/fazer significativo, na medida em que ambos os envolvidos nesse projeto são permeados por uma aprendizagem que engloba teorias e práticas dos

⁴ LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.934/96.

cotidianos dos participantes, podendo gerar uma ação-reflexão-ação que pode conduzir a reconstrução e construção de conhecimentos, tanto para o desenvolvimento interno da universidade, como para além dos seus muros.

Por meio das aprendizagens que são construídas no compartilhamento dos saberes das experiências, o graduando amplia seu conhecimento mediante o laço que se constitui entre universidade e sociedade, compreendendo que não existe um saber único, mas saberes que se interligam dando uma nova dimensão no pensar/fazer universitário. Assim, apreende-se que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 2013, p. 95)

O projeto de Extensão é instrumentalizado com fim de interação na busca de produzir conhecimentos que potencialize os sujeitos a se integrarem à sociedade no campo social, político, econômico, educacional e profissional. A Extensão se torna uma maneira de dialogar e de aprendizagem, contribuindo para a formação do graduando, estimulando-o a criar uma visão crítica na construção de seu pensar/fazer oportunizando transformar a si mesmo, ao outro e à sociedade. Nesse sentido, a universidade é instrumentalizada não como reprodutora, mas emancipatória por meio do diálogo que é basilar da natureza humana, opondo-se as ações antidialógicas de caráter de dominação.

A educação, por meio de projeto de Extensão, pode ajudar a pôr um fim na separação entre o pensar e o fazer, tendo em vista que os graduandos planejam juntos aos demais atores as ações que pressupõem refletir sobre teoria e prática, consolidando uma aprendizagem e fomentando conhecimento para além da sala de aula. Isso favorece possíveis mudanças nos espaços sociais e, para tanto, a Extensão precisa se constituir em um canal de diálogo que subsidie a formação profissional vinculada com a realidade, em um processo que favoreça a comunicação entre o ensino, pesquisa e Extensão, desencadeando uma ação-reflexão-ação na formação do discente, tanto na dimensão do âmbito acadêmico como no da sociedade.

Para Severino (2007), uma formação universitária que se limita a um ensino por meio de transmissão de informações e conhecimento, tende a colocar o saber à disposição do fazer contribuindo apenas para uma profissionalização, além disso, pode desprestigiar a pesquisa e a Extensão. Nesse sentido, a Extensão estaria a serviço de uma educação domesticadora já que “refletir sobre Extensão é pôr em evidência a concepção de homem, de mundo e sociedade em

que acreditamos” (SOUSA NETO, 2005, p. 17). Entretanto, se a base dessas concepções houver um modelo de fabricação, a Extensão construiria não sujeitos emancipados, mas passivos, depósitos de conhecimento.

Entendemos que a Extensão possui um caráter emancipatório e precisa estar permeada por uma educação libertadora, fundada nas práxis que proporciona aos sujeitos a se constituir como seres na sociedade e com a sociedade, pois “o conhecimento do mundo como mundo é necessidade intelectual e vital” (MORIN, 2011, p. 33). Assim, a universidade precisa propor a sociedade saberes que não sejam fragmentados em uma única prática educativa, para isso, é necessário ofertar ensino/pesquisa/extensão.

O projeto, sendo uma ação da Extensão, necessita estar permeado por uma educação que potencialize as vivências dos educandos com a realidade, ofertando, por meio das experiências compartilhadas com outros participantes, bases que lhe sirvam para uma formação além da profissionalizante, estando em comunhão com outros sujeitos. Perceba-se que sua responsabilidade não se limita com o mercado de trabalho, mas com o outro e a sociedade. O conhecimento, quando meramente transmissível aos educandos, não contribui para fortalecer a relação entre o pensar e o fazer, que são aspectos da vida humana que assegura ter uma consciência de si mesmo, do outro e do mundo e de transformar uma realidade. Numa perspectiva de emancipação, é necessário despertar a curiosidade dos sujeitos frente à realidade, pois conhecer não é tarefa de objetos, mas de sujeitos. Uma educação domesticadora aprisiona o homem que “é por essência um ser inacabado” (PINTO, 2010, p. 42) e que, por se reconhecer inacabado, vive em um processo constante de invenção e reinvenção almejando transformações.

A Extensão se configura, portanto, como uma atividade educativa que costura o pensar e o fazer, atividades humanas indispensáveis para mudar o *status quo*. Na Extensão, Provoca-se o sujeito a sair de uma consciência ingênua de que a realidade é algo natural e não produzido pelo o homem, abrindo caminhos para a formulação da criticidade na e para a sua formação acadêmica.

CAPÍTULO III - FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Caracterização da pesquisa

Nesse trabalho, aderimos a uma proposta de abordagem qualitativa em uma perspectiva participante, compreendendo que essa nos possibilita investigar dados não mensuráveis: percepções, pensamentos, e comportamentos. “Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2009, p. 14).

Nesse sentido, por meio da pesquisa participante, o pesquisador se coloca na disposição de investigar e compreender o contexto do problema de forma interativa com os sujeitos pesquisados, buscando fazer uma relação entre teoria e prática que possibilite respostas e ações, entendendo que, a prática oferece uma aproximação da realidade, permitindo que haja possíveis transformações.

De acordo com Minayo (2007), na ciência, a pesquisa se constitui em uma atividade que possibilita a indagação e alimenta o ensino, atualizando-o frente à realidade do mundo, ao mesmo tempo em que vincula pensamento e ação em uma investigação que pode corresponder aos interesses sociais. Compreendendo que toda ciência se articula historicamente com as percepções de mundo construídas pelos sujeitos. Assim, a relação entre o pesquisador e os pesquisados será estabelecida por momentos que interliga as visões de mundo de ambos durante o processo de desenvolvimento do conhecimento que forneça respostas para as questões propostas por um projeto de investigação estabelecido.

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2007, p.21) afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...]. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Assim, essa abordagem de pesquisa qualitativa permite obter os dados não meramente em números, mas a partir das subjetividades e dos diálogos entre sujeitos pesquisadores/as e pesquisados/as, compreendendo o campo social com o objetivo de transformação da realidade.

Para a realização da pesquisa, optamos pela a metodologia da pesquisa participante por entender que ela considera todos os envolvidos como sujeitos ativos na busca de solução para determinado problema, se opondo à pesquisa tradicional de base positivista, na qual, segundo Boterf (1999, p.51) “a população pesquisada é considerada passiva, enquanto simples reservatório de informação, incapaz de analisar a sua própria situação e de procurar soluções para seus problemas”, o que colocaria o pesquisador num patamar superior ao do pesquisado, ou seja, o detentor dos “saberes” científicos.

Nesse sentido, a metodologia participante tenta romper com esse imaginário de que os interlocutores da pesquisa não podem dialogar na busca de resolverem as questões postas em evidência. Opondo-se à neutralidade e objetividade que há em torno do positivismo, Brandão (1999) nos informa que:

aprendemos que boa parte de uma metodologia científica adequada serve para proteger o sujeito de si próprio, de sua pessoa, ou seja: de sua subjetividade. Que entre quem pesquisa e quem é pesquisado não exista senão uma proximidade policiada entre o método (o sujeito dissolvido em ciência) e o objeto (o outro sujeito dissolvido em dado). (p. 07)

A pesquisa participante nos fornece uma proposta metodológica participativa que propõe perceber a realidade não sob a ótica de um pesquisador distante do que se propôs estudar, mas de um ser participante com fundamentos teóricos na busca de desvelar junto aos pesquisados/as, por meio de diálogos e ações, uma compreensão e transformação acerca do problema da pesquisa. Essa se caracteriza como um instrumento potencializador na aproximação pesquisador/pesquisado. Sendo assim, pesquisa participante:

é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. (SEVERINO, 2007, p.120)

O pesquisador entra em campo como um ser mutável. Na medida em que interage com os demais sujeitos de uma realidade, ao investigá-la, aprende e, ao aprender, sofre mudanças, confirmando que “pesquisa é interação múltipla de sujeitos: pesquisar é um ato de conhecer o que acontece entre os sujeitos, um movimento que reflete a vida e gera vida” (STRECK, 2006, p. 270).

Nesse sentido, a pesquisa participante visa uma aproximação da realidade estudada, ultrapassando o saber científico positivista, que distancia sujeito e objeto na construção de conhecimentos.

A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/ objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos. (BRANDÃO, STRECK, 2006, p. 12)

Em uma pesquisa participativa, compreende-se que a construção do conhecimento envolve partes distintas: pesquisadores/as e pesquisados/as em um processo ativo e de base comunicativa, propondo um saber/fazer científico constituído em uma relação dialógica, compreendendo que, se o pesquisador influencia os sujeitos pesquisados, simultaneamente, é por eles influenciado, o que consubstancia a aproximação de realidades distintas propulsoras da construção de um novo conhecimento, nascido sob a égide do diálogo.

3.2 Descrição e procedimentos para a realização da pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa são discentes de graduação da Universidade da Estadual da Paraíba que atuaram no projeto de Extensão: “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”, desenvolvido em parceria com professores/as, gestoras, e educadores/as a cidade de Remígio – PB. Também fazem parte da investigação os discentes que participam em ações de outros projetos de extensões desenvolvidos na instituição supracitada. Para tanto, a identidade dos sujeitos entrevistados foi preservada com pseudônimos, a saber: Universidade, Ensino, Pesquisa, Extensão e Sociedade.

Na pesquisa, a coleta dos dados se deu através de procedimentos/instrumentos específicos, tais como: observação, que possibilita uma aproximação do sujeito com objeto, e entrevista semiestruturada (ver roteiro em apêndice) realizada na presença privada da pesquisadora e do entrevistado, que baseou-se em questões abertas direcionadas e previamente embelezadas, permitindo ao entrevistado responder o tema sem necessariamente está condicionado à pergunta do investigador.

A análise dos dados foi realizada considerando-se as observações durante as reuniões e ações do projeto de Extensão já mencionado e pela apreciação das respostas das entrevistas transcritas das gravações feitas com os discentes. Para tanto, esses relatos foram organizados em categorias a partir da relação (semelhanças e diferenças) que pôde ser estabelecida entre os relatos dos sujeitos entrevistados na pesquisa.

Desse modo, nossa análise, de cunho interpretativista, buscou verificar os significados das ações e eventos de compartilhados entre pesquisadora e os sujeitos envolvidos, expressos ora pela linguagem, ora pelas ações desses sujeitos (ANDRÉ, 2004).

Outra característica importante da nossa pesquisa é o fato de que ela buscou observar os dados do ponto de vista de quem está no interior das relações interacionais experimentados no projeto de Extensão, tentando alijar, sempre que possível, preconceitos teóricos e epistemológicos. Nesse cenário, devemos atentar para a reflexividade que permeia a pesquisa já que “o pesquisador não é um relator passivo e sim um agente ativo na construção do mundo. Sua ação investigativa tem influência no objeto de investigação e é, por sua vez, influenciada por este.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.59)

3.2.1 Situando o Projeto de Extensão: Educação Popular como mobilização da cultura de emancipação humana

O projeto de Extensão “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana” ocorre desde 2015, desenvolvido pela a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, tem como intuito promover um processo de formação em Educação Popular, envolvendo estudantes de graduação da referida universidade e professores/as da rede de ensino público e de instituições não formais da Região da Borborema/PB. Seus objetivos prezam pelo o desenvolvimento

humano, acreditando que um dos alicerces para isso se encontra na valorização e ampliação do acesso à cultura.

Nesse sentido, compreendendo o papel social que a Universidade possui com a sociedade, o projeto valoriza o fato de que a universidade precisa “socializar seus conhecimentos, difundindo-os à comunidade e se convertendo, assim, numa força viva capaz de elevar o nível cultural geral da sociedade”. (SAVIANI, 1986, p. 48)

Assim, os idealizadores do projeto, que continua em pleno desenvolvimento, acreditam que os esforços devem ocorrer nessa perspectiva de tornar a cultura acessível à comunidade, entretanto, nem sempre isso se configura em realidade concreta no sentido daquilo que desejaríamos de fato que se concretizasse. Compreendemos que são nas ações sociais que se encontram as possibilidades de transformações das escolas públicas e da sociedade.

Entre o ano de 2015 a 2017, tivemos a oportunidade de participar do projeto em questão como aluna e pesquisadora. As impressões dessa experiência estão devidamente textualizadas a seguir:

3.2.1.1 Relato de vivências junto ao Projeto de Extensão

O processo das atividades do projeto “Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana” ocorria com atividades semanais realizadas no Centro de Integração Acadêmica/UEPB. Os estudantes de graduação eram envolvidos em encontros e planejamentos participativos, realizando leituras de textos e debates que culminavam para o entendimento acerca da Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana, utilizando-se dos fundamentos da Educação Popular. As ações eram desenvolvidas numa perspectiva de educação problematizadora, que permite a compreensão do conhecimento envolvendo ação-reflexão-ação sobre determinada realidade e reconhecendo os fazeres do cotidiano como forma de emancipação e libertação dos sujeitos.

O processo educativo dos estudantes não se limitou apenas aos muros da universidade, esses puderam participar também do contexto da realidade de professores/as, educadoras, educadores, coordenadores pedagógicos, através de encontros periódicos no município de Remígio/PB, em que eram realizadas discussões dos fundamentos teóricos, problematização da

realidade e planejamento.

A participação coletiva foi basilar para o projeto, que visa a construção de um conhecimento em Educação Popular, construção essa que valorize saberes tecidos no cotidiano, compreendendo que o homem não está apenas no mundo, mas com o mundo, ciente que produz vida, criando sua cultura no espaço e no tempo histórico ao longo da sua existência.

Freire (1981, p. 31) nos ensina que a “cultura é tudo o que é criado pelo homem”, assim, o que se produz tem origem na percepção que os sujeitos possuem em relação a sua capacidade de transformar a realidade e a si mesmo. Comungando com essa ideia, Brandão (1985) expõe que:

O homem – sujeito que produz a cultura – define-se mais por significá-la como um ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor do seu trabalho e do mundo que transforma, do que simplesmente fazê-la de modo material. [...]. É isto que torna o homem um ser “histórico”, um ser que não está na história, mais que a constrói como um produto de um trabalho e dos significados que atribui, ao fazê-lo: o mundo, a sua ação e a si mesmo, vistos no espelho de sua prática. (p. 22)

Nesse sentido, o projeto primou em diversificar e valorizar a cultura produzida entre os muros da universidade e seu entorno, buscou promover o acesso à cultura que é produzida pelos os sujeitos em um pensar e fazer coletivo sobre mundo permeado pela Educação Popular que reconhece que: “o conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo” (FREIRE, 2014, p.34). Assim, os sujeitos não interagem apenas no mundo, mas respondem de forma ativa seus desafios.

Desse modo, o projeto representou uma extensão social, promovendo aos sujeitos envolvidos uma aproximação com a Educação Popular que se institui em um pensar na construção de um saber coletivo que se transforme em conhecimento para humanidade, reconhecendo que, nesse sentido percebe a dimensão da cultura na constituição do sujeito Vygotsky (1998), da vida e como o acesso a ela pode se tornar um imprescindível na emancipação humana.

3.2.1.2 Um olhar reflexivo sobre as ações do projeto

Durante a pesquisa sobre a atuação do projeto, procedeu-se à observação da participação das graduandas. De acordo com Severino (2007), a observação é instrumento imprescindível a

qualquer modelo de pesquisa, por permitir uma aproximação com fenômenos que foram propostos a serem estudados.

A cada início de vigência do projeto, ocorriam discussões com os estudantes referentes ao interesse em participar da Extensão? O que buscavam encontrar naquele espaço? De acordo com respostas dadas pelas os participantes, ficava explícito que o conhecimento é a busca incansável do ser humano, compreendendo-se que “o mundo não se dá, ele quer ser conquistado.” (BRANDÃO, 1985, p. 24). Mesmo que explicassem que um dos motivos de procurar a Extensão se dava pela busca de cumprimento de carga horária necessária à realização da graduação, em suas respostas, os graduandos deixavam transparecer nitidamente que sua presença naquele espaço não se limitava apenas a isso, fundava-se no desejo de ampliar seus saberes. Para a confirmação desse argumento, expõe-se algumas das respostas dos participantes acerca da sua intenção no projeto de Extensão:

“Novos conhecimentos, carga horária.”
“Trabalhar a cultura, aprofundar mais (educação).”
“Adquirir conhecimento, sair da sala de aula.”
“Ampliar a área de leitura, literatura.”
“Conhecimento.”

Nos trechos de relatos expostos acima, pode se observar que a Extensão “é uma construção ou (re)construção do conhecimento.” (THIOLLENT, 2006, p. 153)

A Extensão se configura em uma modalidade de prática desenvolvida pela universidade no intento de ampliar a formação acadêmica vinculada com outros espaços ao seu entorno, na busca de uma comunicação com a sociedade e de compartilhar saberes que desvelem possíveis conhecimentos necessários às transformações sociais.

Sendo assim, o projeto buscou desenvolver ações junto a outros espaços que favorecessem a construção do conhecimento, permeado pelos fundamentos da Educação Popular, no intuito de ampliar o acesso à cultura para emancipação humana. Nesse sentido, segundo Thiollent (2006, p. 163). “Um projeto de extensão pode ser considerado emancipatório quando as atividades que lhes são associadas incitam as pessoas a superar os obstáculos e as limitações que encontram em sua vida social, cultural ou profissional”.

Desse modo, no projeto, partia-se do pressuposto que uma ação educacional para emancipação necessita de uma educação que reconheça que não deve haver dicotomias entre o pensar e o fazer dos sujeitos sociais, entendendo que cada um traz em si saberes que precisam ser reconhecidos. Para tanto, a pesquisa inserida para compreender o campo de estudo se utilizou da pesquisa qualitativa por essa expressar que “a interação entre o pesquisador e os sujeitos são essenciais” (MINAYO, 2007, p.63). Minimizando, assim, a distância entre os saberes do pesquisador e pesquisado e aproximando-os de um diálogo libertador que renega a ação bancária de depositar saberes de um sujeito no outro (FREIRE, 2013).

Para compreender o projeto e seus participantes, foi escolhida a metodologia da pesquisa participante, por entender que “uma pesquisa é ‘participante’ não porque atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas sim porque ela projeta, porque realiza desdobres através da participação ativa e crescente desses atores” (BRANDÃO, STRECK, 2006, p.31). Assim, a relação entre o pesquisador e pesquisado se dá por um diálogo onde esses sujeitos pensam e agem de forma colaborativa no mundo.

A partir colocações exposto acima, serão apresentadas as vivências que o projeto produziu nos espaços onde atuou: Universidade Estadual da Paraíba/UEPB e o município de Remígio/PB, em um processo participativo que fomenta a formação acadêmica por meio da Extensão.

O projeto de Extensão realizado no Centro de Integração Acadêmica – CIA/UEPB, criava o espaço para a discussão do referencial teórico que iria permear as práticas em parceria com os demais sujeitos envolvidos, que também se apropriavam das teorias, em busca da “capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobre tudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 2013, p.67). Sendo assim, a formação das graduandas ocorriam por meio as reuniões com discussões, planejamentos e roda de conversas no intuito de criar um fazer que contemplasse o significado do humano no mundo.

Formação Acadêmica via Extensão Universitária

Imagem 1: Reunião de planejamento na UEPB



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 2: Reunião na UEPB



Fonte: Arquivo do projeto

A partir dessa formação constituída de discussões e reuniões, que também ocorriam na Secretaria de Educação do município de Remígio- PB, entre alunas, professora da UEPB e professores/as, educadores/as gestoras das escolas públicas de Remígio, surgiu à ideia da construção de livros, tendo como objetivo criar histórias, afluando, assim, a capacidade do ser humano de criar e de se reinventar na escrita, utilizando-se de sua criação e imaginação.

Durante o processo de elaboração dos livros, pôde-se perceber o engajamento dos participantes graduandos em tornar uma ideia em materialização. Essa escrita também dos fazeres dos participantes do projeto só se tornou possível pela a escolha da pesquisa participante, pois ela “implica ‘viver junto’ com a coletividade estudada” (BOTERF, 1999, p.58).

Nesse sentido, o envolvimento dos sujeitos em uma ação coletiva aflora para o pensar na procura de um fazer que alimente sua existência no mundo.

Imagem 3: Apresentação dos livros no projeto



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 4: Apresentação dos livros em Remígio



Fonte: Arquivo do projeto

O ser humano traz em sua essência o ato de pensar, criar e fazer e “desenvolveu, de modo surpreendente, as potencialidades da vida” (MORIN, 2011, p. 47), é um ser biológico, mas humanamente é transformador e transformado pela cultura.

Nesse sentido, a criação dos livros não ficou presa no projeto, reconhecendo que essa produção intensifica a imaginação e criatividade humana, assim, a ideia nascida no projeto se expandiu para quatro turmas, sendo duas de Pedagogia, uma de Educação Popular e uma de especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, intermediadas por uma professora da universidade Estadual da Paraíba. Essa realização representou a Extensão cumprindo seu papel de interligar sua produção com as salas de aula. Como nos sugere Severino (2007), à Extensão como mediação dos conhecimentos precisa que a universidade tenha competência e imaginação na construção de seus projetos como canais eficazes que beneficiem a sociedade.

A comunidade acadêmica, ciente de que a produção do conhecimento não se limite aos muros da universidade, e que a formação de graduandos não se perpassa apenas em uma sala de aula permeada por seus componentes curriculares, compreende que a responsabilidade da universidade é de “devolver, de restituir à sociedade algo daquilo que ela própria recebeu, que a universidade recebe da própria sociedade.” (SAVIANI, 1986, p. 50)

Assim, a Extensão é posta como uma mediadora da divulgação da produção e de seus

resultados, nesse sentido, fomenta um elo com a sociedade na elaboração de conhecimento e intensifica a formação dos seus estudantes, inserindo-os em espaços de publicações que lhe possibilita exercer com autonomia a aprendizagem que são proporcionadas pela relação universidade e sociedade, via Extensão universitária.

Sendo assim, as participantes do projeto identificaram que suas ações precisavam ganhar espaços de divulgações para suas produções como forma de ampliar o conhecimento. Para tanto, elaboraram artigos para apresentar em eventos acadêmicos, tais como: Congresso Internacional de Educação Inclusiva (CINTEDI) e Congresso de Educação Nacional (CONEDU) partindo da premissa de que o que se produz na universidade precisa ser socializado como forma de expandir e semear saberes que incitem um olhar para educação como uma das forças transformadoras da sociedade.

Os extencionistas inseriram-se também na organização do IV Seminário de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Formação Docente – NEPPEF, promovido pela a linha de pesquisa em Desenvolvimento Humano, expondo a realização das construções dos livros produzidos pelos/as alunos/as do curso de Pedagogia, do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, do componente curricular Educação Popular e da própria produção dos livros desenvolvido pelas participantes do projeto supracitado. Apresentando os resultados dos trabalhos tecidos na universidade em parceria com a sociedade, em eventos que proporcionam que o conhecimento não se reduza a um determinado espaço, mas que esse possa permear outros *lócus* para que os sujeitos construam e reconstruam saberes na e para a humanidade.

Imagem 5: Aluna apresentando o trabalho: Imaginação e criatividade: contação de histórias na formação de leitores.



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 6: Exposição de livros



Fonte: Arquivo do projeto

“O conhecimento do mundo, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção” (FREIRE, 1983, p. 27). Nesse sentido, a função da universidade não pode se limitar a um conhecimento desenvolvido internamente, precisa ligá-lo com seus extramuros, para isso, encontra na Extensão uma potencialidade de unificar saberes pelos sujeitos que atuam no meio acadêmico e social, sendo assim, para formação acadêmica “a extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade”. (SEVERINO, 2007, p.31)

A universidade comprometida com o social desempenha atividades que a aproximam da sociedade, o projeto de Extensão possibilita essa relação, que não perpassou apenas o ensino e a pesquisa, mas as ações pensadas e organizadas pelas participantes em parceria com a comunidade de Remígio/PB.

O projeto, por ter um caráter coletivo, desempenhou suas atividades partindo das realidades dos envolvidos em um pensar, na busca de um fazer que coopere para as vidas dos sujeitos, pois, conforme defende Freire (1981), não existe uma reflexão e ação que não decorra da relação do homem com a realidade.

Nesse contexto, as atividades realizadas com professores/as, educadores/as e gestoras na comunidade de Remígio/PB deram-se a partir de reuniões periódicas na Secretaria de Educação e Prefeitura de Remígio, que culminaram com a participação dos envolvidos no projeto na realização de eventos, partindo do princípio de que “o trabalho não é qualquer atividade, mas

uma ação adequada à finalidade. É, pois, uma ação intencional” (SAVIANI, 2013, p. 11), que se voltou para incentivar a educação e valorização da cultura.

Imagem 7 : Reunião de planejamento



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 8 : Reunião de planejamento



Fonte: Arquivo do projeto

Nesse sentido, compreende-se que o papel da universidade não se resume a uma formação isolada da sociedade, uma vez que os compartilhamentos entre saberes efervesciam para uma educação baseada no diálogo entre sujeitos diferenciados, o que pode vir a favorecer o regaste de uma prática de comunicação ou para a elaboração de um novo conhecimento.

Portanto, o projeto incentivou um diálogo construído coletivamente acerca da contação de histórias - como um instrumento eficaz para apropriação do conhecimento não só nas escolas, mas em outros espaços da sociedade-, atividade que resultou na idealização de um evento **intitulado Formação em Educação Popular através da Contação de Histórias**

Partindo-se do pressuposto de que as histórias se caracterizam como um suporte que o ser humano encontrou para comunicar seus conhecimentos, costumes de geração para geração, compreendeu-se que as participantes do projeto, a partir delas, foram estimuladas a reconhecer as potencialidades que o ser humano possui diante da sua condição de seres não passivos, mas ativos nos processos de transformação da natureza a seu favor.

Desse modo, a inserção dos graduandos na organização dessa atividade bem como no evento **Educação Popular: construindo saberes nos espaços sociais** ocorreu por meio de palestras e rodas de conversa acerca da cultura local do município de Remígio e por oficinas (Lendas Remigenses, Teatro e Contação de Histórias, Crônicas e Memórias, Brinquedos e Brincadeiras), que objetivavam exercitar o compromisso de interação com a sociedade para a formação profissional já que “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” (FREIRE, 1981, p. 16). Nesse sentido, o projeto se tornou um espaço vital para que estudantes fizessem uma relação da teoria e prática que desvelasse um conhecimento de transformação de si, do outro e do meio.

Imagem 9: Participantes contando História



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 10: Círculo de palestras



Fonte: Arquivo do projeto

A Extensão é uma atividade movida por ações entre sujeitos que buscam desempenhar um papel ativo na sociedade, nesse sentido, o projeto em questão, ao se fundamentar na Educação Popular, tem como escopo a emancipação humana, imbuído na intencionalidade de construir uma educação que permita fazer com que os sujeitos compreendam-se como seres de transformação e não adaptáveis ao meio. “Esta é a razão pela qual, para nós, a ‘educação como prática de liberdade’ não é transferência ou transmissão do saber nem da cultura; [...]; não é o esforço de

adaptação do educando a seu meio”. (FREIRE, 1983, p.78)

O projeto se desenvolveu em uma ação dialógica, que consiste em um processo educativo libertador, considerando todos os participantes como sujeitos ativos na construção de uma ação posta na realização de atividades baseadas em ideias discutidas nas reuniões onde se refletia sobre a educação.

Ao se inserir no evento da Semana da cultura e da ciência “Remígio 60 anos: memórias do passado feitos do presente”, os participantes colaboraram para montar uma tenda para contação de histórias, leituras de cordéis e de livros infantis, como uma prática voltada para a formação de leitores, reconhecendo a importância da leitura no desenvolvimento humano

Esse mesmo espaço fomentou a arrecadação de livros como incentivo à conquista de uma biblioteca pública para cidade de Remígio, por reconhecer que esse ambiente contribuiria para que os sujeitos possam usar a leitura como forma de acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade.

Em outro momento, os extencionistas também participaram do Seminário da Agroecologia e da Educação do Que trazia como tema: Campo: “O papel da Educação do Campo no processo de transição agroecológica: avanços e desafios”. Tal evento, envolveu escolas municipais do campo oportunizando a apresentação de trabalhos e dialogar sobre as potencialidades da agricultura agroecológica no Brejo, Agreste e Curimataú do estado da Paraíba. Além de ter sido realizada uma roda de conversa sobre Educação do campo e Agroecologia.

Torna-se evidente que a formação universitária depende da relação que faz fora de seus muros, oportunizando para o estudante conhecer e desenvolver ações colaborativas para a valorização dos sujeitos e da educação que ultrapassem as “certezas” de um conhecimento unilateral.

Desse modo, as ações da Extensão colaboram para o estreitamento entre universidade e sociedade contribuindo também para formação acadêmica, pois essas ações “consistem num lugar de inclusão de sujeitos e suas práticas, espaço em que diferentes identidades culturais, representadas pelos sujeitos sociais, se entrecruzam”. (ARAÚJO, 2009, p. 67). Dessa forma, criam-se laços que ajudam o estudante a desenvolver uma percepção em relação às teorias e práticas diversificadas que traz luz acerca da realidade e experiência adquirida ao longo do tempo.

Imagem 11: Discussão sobre Educação do campo e agroecologia.



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 12: Momento de leitura infantil



Fonte: Arquivo do projeto

Imagem 13: Carrosséis das escolas do campo



Fonte: Arquivo do projeto

São esses contextos de que o estudante se aproxima através do engajamento em projetos de Extensão, em diálogo com outros sujeitos, que enriquecem sua formação acadêmica: “conhecer o humano é, antes de tudo situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (MORIN, 2011, p. 43), assim, pode-se perceber que durante as realizações do projeto de Extensão em parceria com a comunidade de Remígio, todos os envolvidos protagonizaram ações que ensejaram essa

relação na busca de conhecimentos favoráveis a mudanças que ultrapassam a educação ingênua e uma realidade posta como imutável, são esses laços criados entre os sujeitos que permitem a junção de ideias que nascem do pensar para o fazer de uma sociedade.

3.3. Análises das entrevistas

As análises dos dados coletados por meio das entrevistas⁵ realizada com cinco discentes⁶ permitiu organizar o estudo a partir da categorização das respostas. Assim, idealizamos as seguintes categorias de análise:

- i) Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão para a formação acadêmica;
- ii) Extensão: Caminho para Aprendizagem;
- iii) Extensão: Ampliação da Formação Profissional; e
- iv) Extensão: um diálogo com a sociedade.

Podemos perceber com relatos dos estudantes que a Extensão é vista por eles como um instrumento relevante para sua formação acadêmica enquanto estudante e profissional.

3.3.1. Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão para a formação acadêmica

As Instituições de Ensino Superior para serem consolidadas como universidades precisam desenvolver práticas que subsidiem a formação acadêmica permitindo que o estudante se aproprie de conhecimentos que o possibilitem atuar na sociedade. Nesse sentido, o espaço universitário deve ser permeado de Ensino, Pesquisa e Extensão.

A Extensão para se constituir em uma ação eficaz para o desenvolvimento do estudante, assegurando-lhe atuação ativa na sociedade não pode se fazer isolada do ensino e da pesquisa.

⁵ Roteiro em apêndice.

⁶ Por questões de ética da pesquisa, manteremos as identidades dos sujeitos das pesquisas sob sigilo e identificaremos suas falas por meio de pseudônimos escolhidos unicamente para esse fim, quais sejam: Universidade, Ensino, Pesquisa, Extensão e Sociedade.

“Nessa perspectiva, o suposto é que as ações de Extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (Ensino) e de geração de conhecimento (Pesquisa).” (MEC, 2012, p. 18)

Os estudantes entrevistados nesse estudo apontaram que a procura por participar da Extensão se deu pelo interesse de relacionar conhecimentos desenvolvidos entre universidade e sociedade. Em suas respostas, pode se observar que, para efetivação dessa busca, pauta-se na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, como forma de interligar teorias e práticas basilares do processo de formação. Isso pode ser visto por meio das repostas a seguir:

Bem antes de tudo, antes de participar de projeto de extensão é, eu iniciei participando de projeto de pesquisa, por meio do grupo de pesquisa: Dialogando com a diversidade étnica racial, e eu fui entrar em contato com a temática da questão relacionada [...] a importância da gente se envolver, a gente começa a se envolver com a extensão, porque é uma forma justamente, é de uma contribuição a nossa formação docente, uma vez que é, precisamos saber como fazer, saber como atuar no contexto da sala de aula e participar do projeto de extensão é se deu justamente por meio do grupo de pesquisa. (PESQUISA, 2018)

É, pra minha formação, para minha construção como pedagoga, como profissional na área de educação que, a gente sempre ouve falar os professores, sempre nos indica que a gente deve procurar sempre relacionar nossas teorias com a prática, buscar o contato com a sociedade, [...]. E como eu não tinha essa experiência de sala de aula, eu pensei que seria uma ótima oportunidade entrar em uma sala de aula, [...], [...], e a partir dessa extensão foi possível conhecer a escola como profissional na área de educação. (ENSINO, 2018)

A Extensão como um dos pilares da Universidade, estimula o estudante a ter confiança em desempenhar seu papel profissional junto à sociedade, por permitir que haja a existência da relação teoria e prática. “Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar, que favorece a visão integrada do social”. (SERRANO, 2013, p. 208)

Então, é sabendo da importância que a extensão tem para formação profissional e também acadêmica, é, eu pude ter essa visão de que é a extensão, porque no meu curso não vai ser ofertado uma disciplina que trabalhe o campo, porém no meu exercício profissional eu vou trabalhar com indivíduos do campo, então tem essa contradição e aí a extensão, ela aparece como um complemento que vai contribuir na minha formação, por conhecer esse campo, que no caso da graduação não tem. (SOCIEDADE, 2018)

Na fala a acima, do entrevistado SOCIEDADE, pode se perceber que esse possui um uma visão de seu papel enquanto estudante em formação, que não se resume apenas à profissionalização, mas à preocupação de conhecer os sujeitos e a realidade que fará parte de seu trabalho, compreendendo que a Extensão permite o seu agir social, e se torna um complemento da sala de aula, preenchendo as lacunas que o ensino interno da universidade deixou no que tange ao enfrentamento das demandas da sociedade.

Nesse sentido, outros entrevistados compreendem que o espaço da Extensão é complemento do ensino da sala de aula e que cada uma dessas funções da universidade se interliga para uma efetiva formação acadêmica.

É se difere em partes, deixa eu ser mais clara, o diálogo que existe entre a extensão e o entorno, ele proporciona uma visão mais ampla [...], que vai além do ensino da sala de aula, os dois se complementam, para nossa formação acadêmica é uma contribuição riquíssima, eu não diria que se difere, mas se complementam, é algo que se concretiza para a contribuição a nossa formação. É, nesse sentido, um completa o outro, um deve conversar com o outro, [...]. (PESQUISA, 2018)

Eu não diria que se diferem, mas eu diria que ele é um complemento. Dentro da sala de aula nós temos é, as teorias, nós temos os teóricos que estudaram que passaram anos pesquisando sobre o tema, e a partir da construção dele nós vamos é, buscar na prática aquilo que se relaciona, aquilo que a gente vai ver que na sociedade atual continua da mesma forma e as mudanças, e a partir daí nos é, construir a nossa própria percepção sobre a temática, então eu não diria que se diferem, mas que é uma construção, um diálogo entre as duas coisas, entre a teoria e entre a prática. (ENSINO, 2018)

Os relatos registram a Extensão como um complemento indissociável de outras funções da universidade, essa “é concebida como uma prática acadêmica que é parte do processo educativo e que produz conhecimento, como um processo de produção do conhecimento que interliga saberes”. (SERRANO, 2013, p. 209)

Dessa maneira, os estudantes percebem que sua formação acadêmica não pode se limitar a uma determinada função da universidade, ao se inserirem na extensão, almejam desvelar saberes, para isso, entendem que se faz extensão mutuamente com ensino e pesquisa, “isto é, cada uma dessas funções só se legitima pela vinculação direta às outras duas, e as três são igualmente substantivas e relevantes”. (SEVERINO, 2007, p. 33)

3.3.2. Extensão: Caminho para Aprendizagem

A Extensão universitária precisa funcionar em ação dialógica entre universidade e sociedade. Assim, podemos compreender que essa assegurará aos estudantes uma aprendizagem fundada na dinâmica indissociável com a teoria e prática. Nessa perspectiva de uma Extensão que abre o caminho para aprendizagem, os relatos dos entrevistados nos evidenciam a importância dos projetos de Extensão na conclusão de uma formação acadêmica permeada por um diálogo que pode vir a propiciar o conhecimento a partir da vivência. Conforme Araújo (2009):

Aprender a partir dos saberes da experiência de modo a produzir conhecimento científico a partir destes saberes são possibilidades abertas na ação extensionista, em que professores/as e alunos/as ampliam suas experiências de aprendizagem, visto que são diversas as dimensões educacionais que norteiam este contato entre sociedade e universidade, via extensão. (p. 67).

Tal perspectiva pode ser percebida na fala dos entrevistados descritas a seguir:

Sim, existi sim aprendizagem, eu aprendi muita coisa no projeto de extensão. Primeiro é a forma como era a dinâmica do grupo, o diálogo, a troca de conhecimentos, você acaba aprendendo com outros também. [...] quando você vai para outros espaços, se a universidade em si, ela leva você também para outros espaços, você também aprende com o outro, porque tem as trocas de experiências, essa contribuição também ela nos direciona fazer uma relação teoria e prática, porque a teoria é importante sim, mas a extensão realmente nos leva a vivenciar a prática. (EXTENSÃO, 2018)

Com certeza. [...], então pra mim foi assim, um ganho extraordinário, além de entrar em uma sala de aula, conhecer alunos, conhecer crianças, jovens de várias realidades é, aprender a lidar com eles, é a prender a desenvolver é, um projeto, a uma pesquisa, que, é a partir desse projeto de extensão a gente fez uma pesquisa, agente desenvolveu um artigo. Então é um ganho extraordinário para qualquer aluno que tem oportunidade de entrar num projeto de extensão. (ENSINO, 2018)

Na visão dos sujeitos entrevistados o contato com a realidade de atuação possibilita uma aprendizagem entrelaçada pela teoria e prática, frente aos diversos participantes que coexistem no ambiente de ação do projeto.

Para Thiollent (2006) os projetos de Extensão são tidos como um lugar para construção do conhecimento com a inserção de atores diferenciados e, como podemos observar que na fala

dos estudantes, a sua inserção nos projetos de Extensão lhes oferece oportunidades de dialogar com outros sujeitos, proporcionando aprendizagem, além de apontarem para o fato de que a Extensão é um espaço que oportuniza a realização de pesquisa e produções científicas, o que se compreende é que a Extensão se articula intrinsecamente com o ensino e pesquisa, ambas interdependentes, e possui um caráter substancial para a aprendizagem.

Geralmente, os espaços formativos para o desenvolvimento da aprendizagem se restringem à sala de aula, porém, “A universidade, por meio da Extensão, pode ampliar esse ambiente e considerar as comunidades locais, complementares e amplificadoras do processo de aprendizagem” (SÍVERES, 2013, p. 29-30). Assim, a universidade através da Extensão insere os estudantes em um processo de aprendizagem articulado entre os saberes produzidos em seu funcionamento interno/ extramuros, auxiliando-os para sua formação profissional. Podemos identificar essa aprendizagem através da Extensão no relato dos estudantes.

Existe sim, várias. Porque se eu na minha formação profissional, eu não veja nenhuma disciplina que trabalhe o campo, os camponeses, assuntos relacionados aos camponeses, e como na graduação, eu vou trabalhar, é defender os direitos, de tá orientando a questão do direito né, é contraditório, porque aí quando eu me formar né, eu vou tá recebendo é usuários que são do campo e eu não conseguir identificar essa particularidade dele porque é do campo. Então, a extensão no sentido dessa que eu participo do campo, tem me ajudado e aí tem contribuído pra ter esse olhar diferenciado da particularidade de que é ser do campo e ser da cidade. (SOCIEDADE, 2018)

A Extensão é viabilizadora do encontro dos sujeitos com uma ação e reflexão acerca do conhecimento que fundamenta cada curso de graduação, gerando respaldo para que os estudantes desenvolvam um pensar e agir que contribua para sua profissão. Não podemos esquecer que a universidade, como uma instituição de educação, precisa ter um caráter de aprendizado. A Extensão é um jeito de ser e fazer que se configura como um caminho para o aprender na realidade através da relação com o outro. Como nos asseguram os entrevistados cujos depoimentos estão descritos a seguir:

É, sim, eu aprendi a prática da contação de história, é, não ficando apenas nas teorias, mas em como fazer a contação. Aprendi também a convivência com outros sujeitos que atuam na sociedade, e foi muito gratificante para minha profissão, se tornou riquíssimo para minha formação. (UNIVERSIDADE, 2018)

Com certeza, com certeza, é, principalmente relacionada com a prática docente, é na nossa extensão nos utilizamos de diversos tipos de metodologias, diversas formas de trabalhar o conteúdo, e especificamente conteúdo de história, e de uma forma mais dinâmica, como por exemplo com a utilização de dramatizações, com a utilização do próprio diálogo que é proposto por Paulo Freire, dessa relação, aliás dessa inter-relação que existe entre professor e aluno, e dessa forma nós conseguimos tornar o ensino da disciplina de história, os conteúdos de história bem mais dinâmicos e atrativos para os alunos, então diante dessa formação, nós podemos perceber que há a possibilidade de desenvolver uma aula dinâmica e também atrativa para o aluno, com a utilização de diversos recursos e metodologias diferenciadas. (PESQUISA, 2018)

Para Síveres (2013), o processo de aprendizagem não se restringe apenas a uma instituição, mas envolve todo sistema social e todos os segmentos educacionais, não se desenvolve fundada em uma metodologia, mas nas diversas formas que produz conhecimento. Nesse sentido, a extensão para os estudantes é um caminho que proporciona o contato para uma aprendizagem em diversos ambientes, que possibilita o estudante a ter acesso, criar e recriar conhecimento.

Isso também pode ser visto nos relatos anteriores dos estudantes, quando revelam que a Extensão proporciona aprendizagem por fazer uma ponte com o entorno da universidade, o que lhe permitem entrar em contato e conhecer os outros sujeitos, relacionar teoria e prática durante sua formação acadêmica, o que se torna ganho importante para formação acadêmica.

3.3.3. Extensão: Ampliação da Formação Profissional

Pode se entender a Extensão como um espaço comunicativo entre sujeitos que dialogam acerca de um objeto em uma ação de coparticipação, onde não existem sujeitos passivos na construção do conhecimento, mas envolvidos em uma ação dialógica que permite uma compreensão sobre determinada realidade de sua área profissional, além de outras questões que permeiam a sociedade. .

As atividades de Extensão universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante seja pela ampliação do universo de referência que ensinam, seja pelo contato direto com grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos. (MEC, 2012, p. 19)

A Extensão funciona como um espaço relevante na formação profissional por inserir os estudantes com a realidade, tornando-se assim um instrumento utilitário tanto no aspecto teórico como no prático, ademais é um espaço de discussão, que permite os estudantes dialogar, criar autonomia na fala. Nesse sentido, os estudantes entrevistados colocam que, a Extensão possibilita um contato com a realidade, proporciona um ensino para além da sala, culminado para seu crescimento acadêmico e desempenho profissional, uma vez que essa viabiliza o contato para unir teoria e prática. Pode-se constatar essa constatação nos trechos trazidos abaixo:

Olha! Extensão Universitária, ela proporciona uma vasta gama de conhecimento ao nosso fazer, ao nosso ser [...], está em uma sala de aula no caso da universidade é muito limitado, então a extensão universitária nos permite ir além da sala [...]. A extensão universitária é uma possibilidade de crescimento pra o acadêmico, e de outras abordagens que muitas das vezes não acontece em sala de aula e que por meio da extensão nós conseguimos é aprender, é nós conseguimos ter é contato, certo? Então é basicamente isso, essa é contribuição a nossa formação é aprender mais, é ir além. (PESQUISA, 2018)

A extensão universitária proporciona a minha formação acadêmica é, a prática, o aprendizado é dentro da sociedade, [...], então a gente precisa buscar lá fora os instrumentos pra gente conseguir, pra nos tornar bons profissionais. Então a prática, a experiência é, ela é essencial na nossa formação, não há como se tornar um bom profissional se a gente não for para prática, [...]. (ENSINO, 2018)

A extensão universitária, ela contribui muito para nossa formação é, a partir da extensão universitária eu me tornei um pessoa mais autônoma para falar, [...]. E a extensão, ela também proporcionou que, a gente fizesse uma relação com a teoria e a prática, os encontros, os eventos né, em que tivemos é a possibilidade de participar, também nos proporcionou experiências que a gente também adquire conhecimentos com o outro, então foi muito importante para minha formação. (EXTENSÃO, 2018)

Percebe-se que os estudantes, ao procurar a Extensão, desejam conhecer a realidade, ultrapassar o ensino da sala de aula, compreendem que o “processo dialético de teoria e prática conflui para uma outra visão de mundo” (MELO NETO, 2006, p.61). Nesse caso, a Extensão possibilita que o estudante ainda em formação perceba a dimensão profissional mais ampla da que é proporcionada em sala de aula. Ao entrar em contato com outras realidades, estabelece uma comunicação que permite os compartilhamentos de saberes que desaguam para reativar ou construir conhecimento, compreendem que as teorias podem ser transformadas em ações nesse processo dialógico em que a Extensão é o canal viabilizador entre a universidade e seu entorno.

Como nos informa Freire (1983, p. 67) “o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, e que ela é diálogo, assim como diálogo é comunicativo”.

É essa a Extensão como comunicação que Freire (2013) sugere que irá possibilitar os estudantes a ter uma visão mais ampla do seu fazer de forma reflexiva:

“a extensão universitária, ela abre um leque, vamos dizer assim de oportunidades para universitário buscar novos conhecimentos e a prática, que ele vai vivenciar é, dentro de escolas, e em outros lugares.” (UNIVERSIDADE, 2018).

Nesse sentido, os relatos dos estudantes nos mostram a dimensão que Extensão atua na sua formação e como essa é um elemento que ajuda os estudantes a se encontrarem na sua profissão. Pode se observar isso também nas falas de Extensão e Sociedade.

[...] a sala de aula, ela restringe o aluno apenas as teorias, apenas o conhecimento relacionado às disciplinas, enquanto que a extensão, ela leva o aluno para outros espaços, é nesse espaço que você realmente vai vivenciar a prática, você vai compartilhar experiências, e a partir daí você começa a ter realmente uma nova visão com relação à realidade, enquanto que a sala de aula, você fica só na teoria, você não faz essa relação teoria e prática, enquanto que a extensão sim, ela possibilita. (EXTENSÃO, 2018)

[...] a gente consegue perceber que na universidade o discurso que há, é um discurso rebuscado, é um discurso que às vezes não chega na base né, na realidade das pessoas num é, e aí a gente consegue ter outra visão né que, os saberes que essas pessoas trazem é, vai chegar emocionar, porque são saberes que é importantes para vida deles, desse sujeitos, é camponeses, e aí é, as contribuições que eles trazem para nossa formação pessoal e acadêmica profissional são coisas imensuráveis, que de importância qualidade para nossa formação. (SOCIEDADE, 2018)

Severino (2007) coloca que o ensino superior tem a finalidade de profissionalizar, de incitar a prática científica e desenvolver nos estudantes uma consciência político-social, o que se compreende com isso é que a universidade tem um papel de contribuir com a inserção dos estudantes na sociedade, nesse sentido, a Extensão, como se observa nas falas dos estudantes, se torna uma possibilidade para que esses compreendam os espaços nos quais estão inseridos, fazendo uma relação entre ensino e aprendizagem que se dá no diálogo estabelecido entre a universidade e sociedade, o que podemos ainda perceber através da fala de UNIVERSIDADE.

Bom, na minha formação é, a contribuição é, para vida acadêmica foi a seguinte: na universidade ver muita teoria e com o projeto de extensão que eu participei, eu vi muito

a prática, vivenciei muito a prática, isso foi muito satisfatório pra minha vida enquanto estudante universitária, e também trouxe uma contribuição muito grande por quanta que, diante do projeto, das teorias, eu pude escolher o meu projeto de TCC em si. E diante da minha formação né, eu me sinto mais completa, por quanta de, é que juntou né teoria e prática, para que eu possa atuar na minha profissão. (UNIVERSIDADE, 2018)

Nos relatos dos estudantes fica nítido que, a Extensão ao possibilitar uma socialização de conhecimentos, quebra a barreira que possa existir entre a sala de aula e em seus entornos, ajudando-os a unificar teoria e prática, contribuindo assim para ampliar sua formação profissional. Desse modo, a extensão que a universidade adotar, se for permeada pelo pensamento Freireano, se recusa a ser extensão que não seja comunicação, que não seja palco em que os sujeitos se encontrem para dialogar na e com a realidade.

3.3.4. Extensão: um diálogo com a sociedade

A universidade tida como campo de educação precisa proporcionar aos seus estudantes uma qualificação profissional, embasada por uma prática educativa que lhes dê a dimensão de se tornarem sujeitos sociais ativos na sociedade. “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados” (FREIRE, 1981, p. 61), com esse pensamento de Freire podemos detectar nas falas dos estudantes que a Extensão cumpre um papel importante na mediação entre os saberes que são produzidos na universidade e na sociedade, em uma parceria que culmina mutuamente em conhecimento para as duas. Podemos constatar isso nas falas de SOCIEDADE

A gente pode perceber que os projetos de extensão tem propiciado essa relação de aprendizado tanto da sociedade para com a universidade como a universidade para com a sociedade, em que sentido? Com a troca de saberes, porque a sociedade, no caso o projeto que é ligado ao campesinato, a relação do campo, eles tem diversos saberes que com os saberes que a universidade traz é um conjunto de saberes que se casam e que vai gerar uma relação de ajuda recíproca, tanto para universidade como para o campo. (SOCIEDADE, 2018)

[...], a extensão ela tem um papel muito importante na universidade, no campo da nossa formação profissional, e eu vejo o extensão como um espaço da gente ter contato né, com os indivíduos, com a sociedade, não ficar só dentro dos muros da universidade [...]. (SOCIEDADE, 2018)

Pelos relatos de SOCIEDADE, podemos perceber que o estudante tem a consciência de que sua formação não se limita e perpassa apenas entre os muros da universidade, que precisa conhecer o que existe em seu entorno, coloca que a relação de diálogo não é um benefício unilateral, mas que, dessa relação entre universidade e sociedade, ambas são atingidas pelo compartilhamento de saberes que produz.

Sabemos que a universidade presta serviço à sociedade, mas que essa, “à medida que escuta as necessidades das comunidades e da sociedade, descongela o conhecimento e desencadeia criatividade”. (SOUSA NETO, 2005, p. 18)

Assim, a Extensão vista como um diálogo com a sociedade, precede o pensamento de Freire (1983) no qual se expõe que “ato comunicativo” é “diálogo”, que a Extensão não deposita saber em ninguém, mas estabelece uma relação entre saberes em um processo comunicativo permeado por um verdadeiro diálogo acerca de um determinado objeto que não parte do interesse de estudo da universidade ou da sociedade, mas cuja problematização precisa partir de ambas, para não se correr o risco da Extensão “estender” saberes ou atender apenas demandas da sociedade, sem gerar realmente um conhecimento entre seus partícipes.

Nos relatos, pode-se observar que os estudantes tem uma concepção de que a Extensão não dá o título à universidade de detentora do saber, os estudantes compreendem que “O nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa” Freire (2013, p.120). Isso pode ser visto nos relatos:

[...] eu vi que a extensão universitária, ela não se resume a um espaço em si, é um saber que ela se estende pra sociedade, mas que esses dois saber, esses dois saberes sociedade e universidade, ele vai interagir um com o outro, é um conhecimento, não é que a universidade que ela vai impor o conhecimento a esse espaço sociedade, eles vão interagir um com o outro. [...]. (EXTENSÃO, 2018)

É uma relação, é social, ou seja, é um elo de ajuda entre a universidade e a sociedade, e dessa forma, a universidade ajuda a sociedade e a sociedade vai nos dando uma oportunidades de usar as teorias que aprendemos na universidade. É sendo assim é, uma relação das duas de ajuda para o conhecimento. (UNIVERSIDADE, 2018)

A Universidade não pode ser uma ilha, precisa exercer seu papel social, reconhecer que entre seus muros existem saberes que, interligados aos seus pode gerar conhecimento não para imediatismo de sociedade vigente, mas para humanidade, ademais oferecer bases para formação

de seus estudantes. Essa relação dialógica que a universidade tem com a sociedade via Extensão possibilita que seus estudantes compreendam o seu papel para sua formação e para a sociedade.

É realmente uma troca, um diálogo entre universidade e a sociedade, [...] eu pude entender que a gente faz a construção do projeto, mas ao entramos na sala de aula, a gente vai adaptá-lo, a gente vai ver o que acertou, vai ver o que errou, [...]. Então a partir desse é, dessa relação há uma construção, a gente volta para universidade já com um novo olhar de que, algo deu certo, algo deu errado, a gente vai adaptar, a gente vai reconstruir, a gente vai refazer. (ENSINO, 2018)

A partir do depoimento de ENSINO, podemos perceber que a Extensão é um espaço do estudante verificar suas práticas na sociedade e fazer uma reflexão acerca do objeto. Essa experiência que a Extensão proporciona permite que o estudante, ao sair da sala de aula, depare-se com a realidade, tirando-o, digamos, da zona de conforto e o incentivando a procurar formas de resolver as variáveis que surgiram acerca do seu objeto. Essa é a força criadora do aprender que move o estudante. A Extensão “é um diálogo como o próprio Paulo Freire falava que é, se dialogar para se construir. (ENSINO, 2018)

Nesse contexto, os extencionistas compreendem a relevância que existe no diálogo que a universidade estabelece com sociedade.

Bem, a relação é de, eu poderia dizer de mutualismo, usando o termo aí da biologia, que é justamente essa coisa de uma contribuição recíproca, porque quando vamos a comunidade ao espaço externo a universidade nós temos a possibilidade de observar, de deslumbrar uma realidade, que de certa forma nós vamos tentar entender aquela realidade por meio das teorias, é essa relação é, uma relação de contribuição mútua, de ajuda, e que certa forma deve ser compreendida desse jeito, porque se nós estamos lá observando, nós acabamos também mudando com aquele espaço. [...] (PESQUISA, 2018)

Nos relatos dos estudantes, a Extensão flui como um canal que possibilita um diálogo entre universidade e sociedade, percebem que o pensar e o fazer acadêmico não pode se desvincular das realidades que coexistem na sociedade, entendem como Freire (2013) que não pode haver diálogo verdadeiro, se não existir um pensar crítico que desconsidere a dicotomia mundo-homens. A Extensão afirma-se como uma articuladora entre teoria e prática, que permite uma atuação na realidade. Assim, não se pode pensar uma universidade fora da sociedade, na visão dos estudantes, fica evidente que essa relação é necessária e de ajuda na construção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Extensão Universitária é um dos pilares que, junto ao ensino e pesquisa, configura às Instituições de Ensino superior o título de Universidade. A Extensão cumpre um papel significativo entre universidade e sociedade, na medida em que pode vir a possibilitar a relação dialógica entre os sujeitos que nelas coexistem. Desvela-se em um espaço de aprendizagem que contribui para a formação acadêmica dos graduandos/as, uma vez que permite que esses associem teoria e prática como indispensáveis na construção do conhecimento.

Os projetos de Extensão revelam-se como um canal ativo para que os graduandos/as tenham um contato com a realidade que, na interface com outros sujeitos, viabiliza os compartilhamentos de saberes que germinam no reconhecimento, o que se produz na universidade e no cotidiano, num diálogo entre saberes científicos e saberes populares, numa perspectiva de realização de um trabalho social que gera outros conhecimentos. A partir dos relatos dos discentes entrevistados, fica evidente que, para a universidade proporcionar uma formação de qualidade aos seus graduandos/as é necessário interligar e disponibilizar o ensino, pesquisa e extensão, para que possibilite aos discentes um papel ativo na sociedade, seres não adaptáveis, mas seres da transformação, seguindo o raciocínio de Freire (2013, p.53) quando afirma que “minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere.”

Nesse sentido, o projeto de Extensão “Educação como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana”, ao propor uma formação com base nos fundamentos da Educação Popular, buscou valorizar a relação de diálogo entre universidade e sociedade, compreendendo a suma importância que essa tem para a formação acadêmica e para contribuição dos saberes junto à comunidade nos espaços sociais, reconhecendo que os sujeitos não são coadjuvantes, mas sim protagonistas na elaboração das ações que produzem o conhecimento da humanidade.

A experiência que o projeto ofereceu aos seus discentes de participar de discussões, eventos, planejamentos acerca de Educação, da cultura, da criatividade humana, tanto no âmbito acadêmico como na comunidade, fomentou uma formação não apenas no olhar, mas na apropriação do conhecimento, na reflexão, no planejamento e na vivência das elaborações

coletivas.

Quero também explicitar que esse projeto trouxe um novo olhar para minha formação acadêmica, por oportunizar o envolvimento com outros espaços sociais e compartilhar saberes com diferentes sujeitos, preenchendo as lacunas do ensino restrito em sala de aula. Assim, pude compreender que minha formação vai mais além de uma graduação voltada para profissionalização, mas requer de mim, enquanto cidadã que sonha com mudanças na educação/sociedade, uma consciência social, que se formou a partir da universidade vinculada com a sociedade via Extensão Universitária.

A Extensão é um espaço de diálogo entre universidade e sociedade. Essa afirmação pode ser constatada nos relatos dos entrevistados que apontam que, dessa ação comunicativa, decorre a aprendizagem, pois a Extensão é um espaço que permite fazer uma relação entre teoria e prática, tornando suas vivências um complemento da sala de aula, ao mesmo tempo que vai além desta, compreendendo a dimensão formativa que a Extensão tem na vida acadêmica “o quanto ela contribui para nossa formação enquanto estudantes” (EXTENSÃO, 2018). E, dessa relação entre universidade e sociedade, os discentes conhecem um pensar e um fazer não apenas no campo teórico, mas na experiência, confirmando assim que a Extensão, ao permitir um contato com a realidade, ajuda na formação profissional, já que é um *locus* para aprendizagem de teoria e prática indissociáveis.

Em virtude dessa relação entre universidade e sociedade, os entrevistados afirmam que a Extensão é um espaço de diálogo que propicia compartilhar conhecimentos e experiências que colaboram para aprendizagem em suas práticas sociais, dando-lhes respaldo para atuarem com mais confiança frente à sociedade, na medida em que, ao entrarem em contato com outros sujeitos, os entrevistados revelam que descobrem saberes tecidos no cotidiano dos espaços sociais que, somados aos da universidade, possibilitam uma confiança impar na sua formação acadêmica.

Conclui-se, portanto, que a Extensão é um espaço de aprendizagem, um canal entre universidade e sociedade que possibilita um diálogo para construção do conhecimento, proporcionando uma formação acadêmica fundada na práxis, dando base para que os discentes atuem nos espaços sociais de forma ativa.

Ao longo dos anos, a Extensão universitária configurou-se na instituição universitária como um dos pilares de sustentação da universidade brasileira, entretanto, ainda apresenta

desafios, dentre os quais ainda carecemos de estabelecer um espaço de equidade na tríade em que está inserida. Essa pretensão se faz necessária para que a Extensão se torne mais acessível à participação de professores, estudantes, funcionários e a comunidade, favorecendo, dessa forma, a formação de discentes mais sensíveis à reflexão sobre a sociedade.

Sendo assim, além de proporcionar um processo de formação educativo em sua práxis, a Extensão nos desafia a um olhar em direção à sociedade. No atual contexto “crise”, de expansão das desigualdades e alargamentos das disparidades econômicas, sociais, culturais, educacionais que a sociedade capitalista globalizada provoca, com perspectivas de agravamento dos problemas sociais decorrentes de um modelo de sociedade injusto socialmente, a universidade tem o desafio de se aproximar ainda mais das demandas da sociedade, em especial daquelas referentes aos que mais necessitam de sua atuação por estarem historicamente em condições desfavoráveis em relação ao acesso aos bens culturais materiais e imateriais presentes na sociedade.

O sonho é o que nos guia a continuar vivendo o inacabado, o incerto, as ideias e criações que nos levam a diversas realizações, sendo essas concretizadas na intimidade entre simbólico e o real que ocorre num processo de construção participativo compartilhado com os outros.

A caminhada dessa pesquisa foi longa, oferecendo um misto de descobertas junto a todos que se propuseram fazer parte dessa caminhada com o desejo de aprender conhecimentos que possam trazer melhorias para o coletivo social. A trajetória no projeto juntos aos participantes me fez encontrar na universidade, entender realmente que minha formação vai além das paredes de uma sala de aula, que, enquanto ser acadêmico, preciso perpassar pelo social, ciente de que, ao sair da universidade, não estarei completa, porque minha formação é inacabada, e que serei uma eterna aprendiz frente às demandas da sociedade vigente, e consciente desse inacabamento é que podemos sempre reinventar as instituições sociais, educacionais e a nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2004.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. Nos Espaços da Extensão Universitária a inclusão de Sujeitos e Culturas: saberes que formam e educam. In: XAVIER, Inácia Sátiro; SOUSA, Maria Lindaci Gomes; CARNEIRO, Maria Aparecida Barbosa (Orgs.). **Extensão Universitária: espaço de inclusão e socialização do conhecimento**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola. 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **O Que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. Participar-Participar. In: _____. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____; STRECK, Danilo R. **Introdução**. In: _____ (Org.). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida- SP: Ideias & Letra, 2006.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Federal 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 29 nov. 1968.

_____. Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_14.12.2017/art_207_.asp. Acesso em 17 Mar 2018.

BOTERF, Guy Le. Pesquisa Participante: Propostas reflexões metodológicas. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CRUZ, Pedro José Carneiro. Extensão Popular: um jeito diferente de conduzir o trabalho social da universidade. In: _____. **Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional da Extensão Popular (Anepop)**. 1º ed. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

_____. **Extensão Popular: Situando a Extensão Universitária Orientada Pela Educação Popular.** In: CRUZ, Pedro José Carneiro. (org). **Extensão Popular: caminhos em construção.** Enunciados e fundamentos teóricos da Extensão Universitária pela Educação Popular. João Pessoa: CCTA, 2017.

FORPROEX/ I ENCONTRO NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **01., 1987, Brasília. Anais...**Brasília: UNB, 1987. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/> Cartas e Memória - Encontros Nacionais do FORPROEX/ I Encontro Nacional FORPROEX 1987 - Brasília/DF-editado.pdf. Acesso em 11 de Março de 2018.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ORGANIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO. 01. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: COOPMED, 2007 Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Organizacao-e-Sistematizacao.pdf> Coleção-Extensão- Universitária/Política Nacional de Extensão Universitária-editado.pdf. Acesso em 16 de março de 2018. Acesso 20 de Março de 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 46ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 55.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Que Fazer: Teoria e Prática em Educação Popular.** 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

IHERING, Rudolf Von. **A luta pelo Direito.** Rio de Janeiro: Rio Estácio de Sá. 2002.

JEZINE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Anais do...** Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf> . Acesso em 11 Mar 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

MEC. **Avaliação Nacional da Extensão Universitária.** Brasília: MEC/SESU – UESC, 2001. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Avaliacao-Extensao.pdf>

Coleção-Extensão- Universitária/Plano Nacional de Extensão Universitária-editado.pdf. Acesso em 15 Maio 2018.

_____. **Plano Nacional de Extensão Universitária.** Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf> Coleção-Extensão- Universitária/**Plano Nacional de Extensão Universitária-editado.pdf.** Acesso em 11 mar 2018.

_____. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf> Coleção-Extensão- Universitária/Política Nacional de Extensão Universitária-editado.pdf. Acesso em 16 mar 2018.

MELO NETO, José Francisco. **Extensão Universitária: uma análise crítica.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2001.

_____. Extensão Universitária: bases ontológicas. In: _____. **Extensão Universitária - diálogos populares.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002.

_____. **Extensão Popular.** João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

_____. **Universidade Popular: texto para debate.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos.** 16 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

REIS, Rose. **Pétalas e Espinhos: a extensão universitária no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Cia. dos Livros, 2010.

SANTOS, Renato Quintino dos. **Educação e extensão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino Público e algumas falas sobre Universidade.** São Paulo: Cortez: autores associados, 1986.

_____. **Pedagogia-Crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. As Tensões na universidade e as Pretensões da Extensão Universitária Popular. In: Baptista, Maria das Graças de Almeida; Palhano, Tânia Rodrigues. (Orgs). **Educação, Extensão Popular e Pesquisa: metodologia e prática**. João Pessoa Editora Universitária da UFPB, 2011.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. As Tensões na universidade e as Pretensões da Extensão Universitária Popular. In: CRUZ, Pedro José Carneiro. (org). **Educação Popular na Universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional da Extensão Popular (Anepop)**. 1º ed. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SÍVERES, Luiz. O Princípio da Aprendizagem na Extensão Universitária. In: Síveres, Luiz (Org.). **A Extensão Universitária como um Princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. 2. ed . Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 12º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA NETO, João Clemente de. Centro de Cultura e Extensão, um território de construção do conhecimento e da solidariedade. In: ATIK, Maria Luiza Guarnieri; _____. **Extensão Universitária: uma construção de solidariedade** (org.). São Paulo: Expressão & Arte, 2005.
PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. 16 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é Pronunciar o Mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; _____ (Org.). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. Aparecida- SP: Ideias & Letra, 2006.

THIOLLENT, Michel. A inserção da Pesquisa – Ação no Contexto da Extensão Universitária. In: Brandão, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UEPB- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

1. Qual o motivo que o/a impulsionou a participar do Projeto de Extensão?
2. Qual sua concepção de Extensão universitária?
3. Que contribuição à Extensão Universitária proporciona a sua formação acadêmica?
4. Existe algum tipo de aprendizagem desencadeada a partir da participação num Projeto de Extensão?
5. Qual a relação entre universidade e comunidade desenvolvida pelos projetos de Extensão?
6. O espaço de diálogo proporcionado pela extensão entre os saberes produzidos na universidade e em seu entorno se difere do ensino da sala de aula?